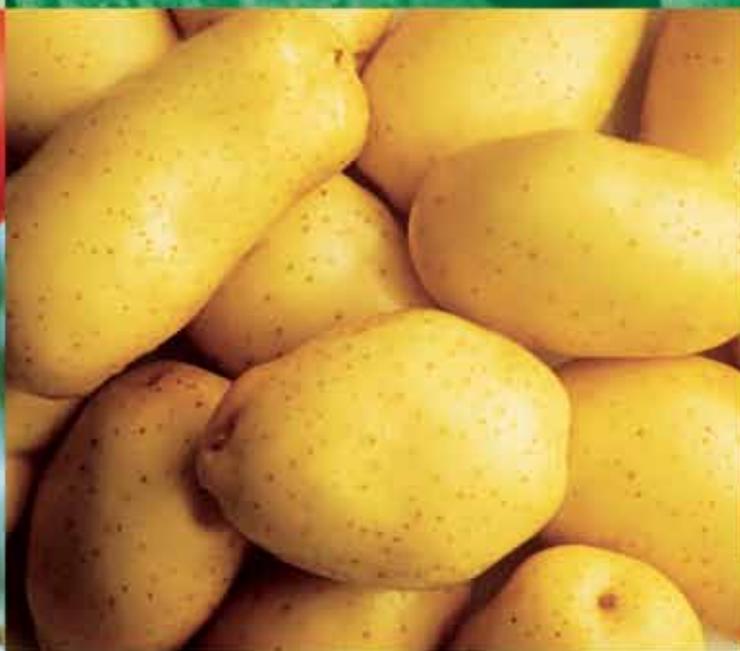




ESPECIAL FRUTAS GESTÃO SUSTENTÁVEL

Quanto custa formar um pomar?

Você trabalha
até na chuva.
Seu fungicida
deveria fazer
o mesmo.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO,
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.syngenta.com.br





Revus é uma solução inovadora para o controle preventivo da requeima na batata e no tomate e do mildio no melão, na melancia, no pepino, na alface e na cebola. É o único fungicida que tem a tecnologia LOK+FLO, que combina a superaderência às folhas com o efeito fungicida translaminar, promovendo maior resistência à lavagem por chuva e prolongando o efeito residual em condições climáticas adversas. Use Revus, o fungicida que você pode confiar.



Proteção eficaz mesmo com chuva.



syngenta.



QUANTO CUSTA FORMAR UM POMAR?



Larissa Pagliuca (esq.), Fernando Cappello e Gabriela Mello organizaram este Especial Frutas

O primeiro *Especial Frutas* da **Hortifruti Brasil** foi apresentado na edição de agosto de 2010. Na ocasião, foi levantado o custo total de produção de uva na região do Vale do São Francisco da safra de 2008. As pesquisas avançaram e, neste segundo *Especial Frutas*, você pode conferir os custos de formação de um pomar de uva implementado em 2008 e também os custos de formação da manga *palmer* (implantação: 2003) e da tangerina poncã (implantação: 2009).

Para a uva do Vale do São Francisco, foi utilizado o método Paniel, que consiste em reunião de parte da equipe

Hortifruti/Cepea com produtores e técnicos da região – realizado em janeiro de 2009. Para a manga e a poncã, foi feito estudo de caso em uma fazenda localizada na região norte do estado de São Paulo – estudo realizado em julho deste ano. Mais do que expor os valores obtidos em pesquisas, a intenção da *Matéria de Capa* desta edição é apresentar exemplos de como o produtor pode elaborar uma planilha de custo de formação de pomar e incluir esse investimento na planilha do *custo total* de produção da cultura.

Antes de se tomar a decisão de implementar um pomar, a recomendação usual é que seja feito um projeto de investimento. A palavra “investimento”, lembramos, significa comprometer recursos financeiros no *presente* visando a gerar lucro no *futuro*. Há diferentes formas de se calcular a análise de viabilidade de um projeto. As mais conhecidas são: Valor Presente Líquido (VPL), Taxa Interna de Retorno (TIR) e o *Payback* (número de anos para se recuperar o capital).

Outra importante variável – que não exclui os indicadores menciona-

dos – é a experiência ou as competências (agrônomicas, comerciais e financeiras) do empreendedor, adquiridas ao longo dos anos. Essas competências apuram a qualidade da sua decisão, que tende a ser mais acertada que a de um investidor que não conhece a fundo a atividade.

Na presente edição, a **Hortifruti Brasil** detalha melhor o conceito e o cálculo do Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP). Ele é uma importante ferramenta para apurar o custo anual de recuperação do investimento na propriedade, principalmente para os projetos já implantados. A metodologia do CARP já foi utilizada em outras edições *Especiais* da **Hortifruti Brasil** que se focaram em culturas como tomate, batata, citros, cebola e cenoura.

Nesse contexto, o objetivo central da *Matéria de Capa* é ressaltar que a gestão economicamente sustentável na fruticultura é aquela em que o produtor consegue obter receita anual suficiente para honrar os gastos de uma safra e também recuperar uma parcela do capital investido na propriedade.



Proteção dos pés à cabeça!

- Compost-Aid® melhora o equilíbrio da rizosfera;
- Acelera a decomposição de materiais orgânicos;
- Promove a ativação microbiológica do solo.



IMPROCROP®
uma empresa Altech

**Seu produto passa por muitas certificações.
Com o Programa Qualidade Desde a Origem,
passa pela mais rigorosa: a do consumidor.**



Joe Malunga
Produtor de Orgânicos de Brasília.
Vencedor do 1º Prêmio Qualidade Desde a Origem.



Certificações de qualidade:

- Nossa Central de Distribuição de FLV é certificada com ISO 2001.
- Recebemos da Globo Rural o Prêmio Melhor do Agronegócio na categoria Varejo em 2008, 2009 e 2010.
- Temos orgulho em ser o maior vendedor de orgânicos do país e nossos produtos são certificados de acordo com a legislação vigente.



O Programa Qualidade Desde a Origem é um compromisso que assumimos com os clientes para oferecer o melhor em perecíveis. E também um certificado de controle do Grupo Pão de Açúcar aos parceiros que fazem parte do programa. Rastreamos os produtos do campo à mesa do consumidor, controlando o uso de defensivos agrícolas na lavoura, auxiliando a implantação de boas práticas agrícolas e priorizando os fornecedores com o melhor desempenho, tanto em qualidade como na pontualidade das entregas.



Acesse direto pelo celular

Para fazer parte do nosso grupo de fornecedores, faça seu cadastro pelo site: www.qualidadedesdeorigem.com.br



OPINIÃO



Industrialização dos hortifrutícolas

A matéria de capa da edição de agosto da **Hortifruti Brasil** traz informações importantes e precisas para que o produtor trabalhe de forma mais profissional para atender as exigências das indústrias de processamento. De certo modo, é vantajoso vender para agroindústria, principalmente pelo fato de fornecer suporte ao produtor. Por outro lado, os preços

dos contratos são baixos e, para o produtor que tem condições de manter seu negócio e comercializar sua produção, sem passar pelos atravessadores, é melhor não ter contrato.

Normando Peres - João Dourado/BA

A **Hortifruti Brasil** tem publicações muito importantes para agricultores e profissionais do setor. Tenho uma área de 10 hectares irrigados

ÍNDICE

CAPA 08



A **Hortifruti Brasil** apresenta o custo de formação de três importantes frutas: manga, poncã e uva. Veja na Matéria de Capa como desenvolver uma planilha de custo e se manter economicamente sustentável na produção de frutas.

FÓRUM 38

O professor **Lucílio Alves**, da **ESALQ/USP**, relata a importância de o produtor calcular os custos de produção em sua fazenda.

SEÇÕES

TOMATE  **24**

BATATA  **28**

CEBOLA  **29**

CENOURA  **30**

MELÃO  **31**

MAÇÃ  **32**

BANANA  **33**

MAMÃO  **34**

MANGA  **35**

CITROS  **36**

UVA  **37**

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do **CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP**
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:
Geraldo Sant' Ana de Camargo Barros

Editora Científica:
Margarete Boteon

Editores Econômicos:
João Paulo Bernardes Deleto, Larissa Pagliuca e Mayra Monteiro Viana

Editora Executiva:
Daiana Braga MTB: 50.081

Diretora Financeira:
Margarete Boteon

Jornalista Responsável:
Ana Paula da Silva MTB: 27.368

Revisão:
Alessandra da Paz, Daiana Braga e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:
Aline Mariana Rodrigues, Caroline Ochiuse Lorenzi, Diogo de Souza Ferreira, Ednaldo Borgato, Fernanda Geraldini, Fernando Cappello, Gabriela Mello, Helena Galeskas, Jennifer Campoli, Isabella Lourencini, Letícia Julião, Luana Kellen Manarim, Mayra Monteiro Viana, Margarete Boteon, Natália Salaro Grigol, Rafael Augusto Tapetti, Renata Pozelli Sábio, Rodrigo Nardini e Thiara Venâncio.

Apoio:
FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:
ênfase - assessoria & comunicação
19 2111-5057

Impressão:
Gráfica Modelo
19 3728-9000

Contato:
Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000
Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808 - Fax: 19 3429-8829
hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.



HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão on-line da **Hortifruti Brasil** no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

ou para: hfbrasil@esalq.usp.br

onde vou iniciar a plantação de frutas. Recebo a revista há mais de 4 anos e, por meio dela, adquiri grande conhecimento na minha área. A revista está de parabéns!

Fernando Oliveira Salvalaggio - Dianópolis/TO

Achei a matéria muito esclarecedora, pois aborda pontos positivos e negativos da agroindústria. O produtor e a agroindústria devem ser parceiros, já que um depende do outro. Acredito que seja vantajoso negociar para esse mercado. No entanto, não é bom que produtores comprometam sua lavoura a só um comprador.

Fábio Amaral - Pureza/RJ

Negocio com a indústria de batata processada. Acho que é um setor vantajoso, pois, além de garantir parte do custo da produção através dos contratos, ajuda no escoamento da mercadoria. A agroindústria se tornou essencial nos dias de hoje.

Gustavo A. Tibolla - Ibirairas/RS

Concordo com a matéria da edição de agosto. O produtor sabe produzir, mas peca na comercialização. A integração com agroindústria seria um benefício para toda a cadeia. Agregar valor é vantajoso para o produtor, principalmente para o consumidor que teria alimento certificado e com rastreabilidade.

Romeu Suzuki - Marilândia do Sul/PR

Achei a matéria muito boa. Estou muito longe da indústria, assim, tenho que produzir frutas de boa qualidade para mesa. Isso para mim é bom, porque a indústria, esmagando uma boa quantia, dá espaço para quem produz frutas de mesa. Também conheço produtores que fornecem para a agroindústria e falam que esse setor é vantajoso.

Getúlio Wolf - São Roque de Minas/MG

Entendo que relação entre produtor e indústria precisa ser revista. A indústria é quem dita o valor que pagará ao produtor, impondo-lhe sua planilha de custos de forma compulsória.

Juarez da Silva Souza - Cristalina/GO

Não é viável para nossa região (Vale do São Francisco) enviar manga para a agroindústria devido aos fretes elevados de deslocamento. Se tivéssemos essa agroindústria na região, poderia ser bem mais fácil. Já temos agroindústria para coco, e tem ajudado no escoamento desta fruta.

Cesar Gabriades - Juazeiro/BA

A matéria ficou excelente! Ainda não temos a relação que necessitamos com a agroindústria, este é um processo que leva tempo. Com certeza, a agroindústria é uma opção muito boa, já que agregamos valor, mas, para isso, devemos ter uma programação melhor para atendê-la constantemente.

Emanuel Alexandre Coutinho Pereira - Bueno Brandão/MG

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

Tomate é Nunhems



A Nunhems é a Especialista Global que desenvolve variedades híbridas para toda a cadeia produtiva. A Nunhems disponibiliza ao produtor as sementes dos melhores tomates que atendem aos mercados mais exigentes. Se você produz e comercializa tomates com qualidade, então, a sua escolha é a Nunhems.

Colha conosco os melhores resultados!

ESPECIAL FRUTAS GESTÃO SUSTENTÁVEL

Quanto custa formar um pomar?

Ao se fazer esta pergunta, muitos fruticultores não imaginam quanta ciência há disponível para auxiliá-lo com a resposta. A recomendação usual é que, antes de se tomar a decisão de implementar um pomar, que seja feito um projeto de investimento. Uma das formas de se elaborar esse projeto parte da estimativa do investimento inicial, das receitas, dos desembolsos futuros, da taxa interna de retorno, bem como do prazo de recuperação do investimento. Há diferentes formas de se calcular a análise de viabilidade de um projeto. As mais conhecidas são: Valor Presente Líquido (VPL), Taxa Interna de Retorno (TIR) e o *Payback* (número de anos para se recuperar o capital).

Outra importante ferramenta – que não exclui os indicadores mencionados – é a experiência ou as competências (agronômicas, comerciais e financeiras) do empreendedor, adquiridas ao longo dos anos. Essas competências apuram a sua capacidade de decisão, que tende a ser mais acertada que a de um investidor que não conhece a fundo a atividade.

A **competência agrônômica** refere-se ao uso de novas tecnologias que elevam produtividade e/ou aprimoram a qualidade da fruta. A **competência comercial** é aquela que reflete o aprendizado do produtor quanto ao desenvolvimento e manutenção de um canal que proporciona o escoamento da produção em condições adequadas às exigências do comprador. Por sua vez, **competência financeira** é a capacidade do empreendedor de gerar um retorno positivo sobre o capital investido, ampliando o seu patrimônio.

De posse dos recursos possíveis, ao planejar a formação de um novo pomar, a análise do produtor deve iniciar por suas reais condições (agronômicas, comerciais e financeiras) de aplicar hoje um elevado capital que só será reavido (isso se reouver) no futuro. Esse período em que avalia suas reais condições de investir face às adversidades que enfrentará para retornar o capital nos próximos anos já é um auxílio importante

para que tome a decisão mais acertada.

O segundo passo é o produtor entender que a formação de um pomar de frutas é um investimento. A palavra investimento significa comprometer recursos financeiros no presente visando a gerar lucro no futuro. Assim, os gastos relacionados à formação de um pomar de frutas têm de ser computados de forma separada das obrigações usuais da fazenda, como pagamento de colheita. A implementação de um pomar é uma conta que deve ser apurada à parte até que a produção seja iniciada. Após a primeira safra, o produtor anualmente deve acrescentar no seu custo uma parcela referente ao montante que precisará investir ao final da vida útil daquelas plantas. Essa parcela é comumente conhecida como depreciação, e a **Hortifruti Brasil** utiliza esse conceito e inclui também o custo de oportunidade do capital investido, conhecido como Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (CARP). Entende-se como custo de oportunidade a alternativa mais viável do empreendedor para o capital que vai investir. Por exemplo, na produção de laranja em São Paulo, é usual utilizar-se o arrendamento para cana-de-açúcar como custo de oportunidade do uso da terra.

Para ilustrar o primeiro e segundo passos de análise de um investimento, a **Hortifruti Brasil** apresenta o custo de formação de três importantes frutas: manga, poncã e uva. Mais do que expor os valores obtidos em pesquisas, o objetivo é dar exemplos de como desenvolver uma planilha de custo de formação de um pomar e incluir esse investimento na planilha do custo total de produção da cultura.

O objetivo final é ressaltar que a gestão economicamente sustentável na fruticultura é aquela em que o produtor consegue obter receita anual suficiente para honrar os gastos de uma safra (pagamento de salários e aquisição de insumos, por exemplo) e também recuperar uma parcela do capital investido na propriedade.





AgCelence

Sistema de Produtividade Uva

em



MAIOR GRAU BRIX
Cabrio® Top

**SUA UVA TURBINADA,
DO PLANTIO À COLHEITA.**

Você pode mais. Sua lavoura pode mais.
www.agro.basf.com.br

☎ 0800 0192 500

MELHOR QUALIDADE
Collis®

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto de embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Restrições no Estado do Paraná: o produto Cabrio® Top não está liberado para o alvo *Phakopsora euvitidis* na cultura da uva. Produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob os seguintes números: Collis® nº 1804 e Cabrio® Top nº 1303.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.**



Sistema AgCelence Uva

BASF
The Chemical Company

CUSTO ANUAL DE RECUPERAÇÃO DO PATRIMÔNIO (CARP)

Na metodologia de custo de produção utilizada pela **Hortifruti Brasil**, os desembolsos/despesas são denominados custo operacional. O custo operacional inclui gastos com insumos, mão-de-obra, operações mecanizadas e despesas administrativas necessárias para movimentar o patrimônio/bem de uma empresa ao longo de um ano-safra. Um trator é um bem, mas para essa máquina funcionar há diversos custos operacionais que se somam: gastos com o tratorista, combustíveis/lubrificantes e peças de reposição.

O pomar é outro bem, mas, diferente do trator, que é adquirido pronto para o uso, o pomar tem que ser formado por dois ou até quatro anos. Assim, todos os itens da sua formação são calculados em uma conta à parte, denominada de investimento ou de Custo de Implantação do Pomar. O valor total do bem Pomar, portanto, é o Custo de Implantação do Pomar (veja as páginas 14, 16 e 19). Outros itens que são considerados bens/patrimônio em uma fazenda são: benfeitorias (como casas de beneficiamento, escritórios, casas dos funcionários, cercas), maquinários em geral, utilitários e equipamentos de irrigação. Grosso modo, bens são aqueles itens que duram mais que um ano-safra. Um trator pode ter vida útil de 10 a 15 anos, enquanto um pomar de frutas de até 20 anos.

Todos os bens comprados/construídos/formados em uma propriedade são investimentos e a recuperação desse valor ocorre somente no longo prazo. À medida que o bem é utilizado, ele deve gerar receita suficiente inclusive para recuperar o capital investido nele mesmo.

O mesmo é válido para a formação de um pomar de frutas. A receita gerada com a comercialização da fruta ao longo da vida

útil do pomar deve ser o suficiente para pagar o capital investido na sua formação.

O montante necessário para essa recuperação do patrimônio ao longo da sua vida útil acrescido de um custo de oportunidade do capital investido

O CARP é o montante necessário para a recuperação do patrimônio ao longo de sua vida útil. É importante que o produtor separe o que é despesa do que é patrimônio na contabilidade da fazenda.

é o que o Cepea chama de CARP: Custo Anual de Recuperação do Patrimônio. Ao se proceder ao seu cálculo, é importante que seja separado o que é despesa do que é bem/patrimônio na contabilidade da fazenda. O CARP é calculado somente para os bens/patrimônio da propriedade.

A terra é um bem que não tem vida útil para ser depreciado, como uma máquina ou um pomar. Desta forma, no caso da terra, calcula-se somente um custo de oportunidade de uso ou de venda. No caso da planilha tanto de manga quanto de poncã do norte do estado de São Paulo, o custo anual de oportunidade de venda terra é de R\$ 520,66/ha. Esse valor foi obtido através da multiplicação do valor da terra nua na região (estimada em R\$ 14.462,81/ha) por um custo de oportunidade de capital a 3,6% a.a. (taxa real) – já descontada a inflação.



COMO CALCULAR O CARP?

Para facilitar o cálculo do CARP, a **Hortifruti Brasil** desenvolveu a tabela abaixo, com os valores do fator de recuperação do capital (*frc*) em função do custo de oportunidade (taxa de juros real - % a.a.) e da vida útil do bem (anos). Assim, o valor do CARP é obtido pela multiplicação do *frc* pelo valor a ser recuperado do bem (CR).

Conforme apresentado na página 14, o custo total de implantação de um pomar de manga em três anos foi estimado em R\$ 4.873,64/ha, sendo assumido que a recuperação desse capital poderia ser reavida ao longo de 20 anos de produção (vida útil considerada) a um custo de oportunidade de 3,6% a.a. (valor padrão de custo de oportunidade utilizado pelo Cepea). Nesse exemplo, o valor do CARP é o custo do pomar multiplicado pelo *frc* 0,07 (veja na tabela abaixo), totalizando R\$ 341,15/ha/ano. Na planilha da página 14, o valor do CARP é diferente pois considera-se todas as casas decimais do *frc*.

No caso de máquinas, implementos e benfeitorias, o valor a ser recuperado (CR) é a diferença entre o valor de aquisição do bem e o valor de venda deste bem usado. Vale observar que, no caso do pomar, não há um valor de “sucata”, pois após sua vida útil, o pomar não tem mais valor comercial.

Para quem trabalha com o programa Excel, do Windows, o cálculo do CARP pode ser feito a partir do comando PGTO. A fórmula acionada por este comando calcula o pagamento periódico para amortizar um empréstimo ou dívida ao longo de um período. O mesmo cálculo também é utilizado em qualquer loja de eletrodoméstico, por exemplo, para determinar o valor da parcela de um bem que será financiado.



$$\text{CARP} = \text{CR} \times \text{frc}$$

CARP = Custo Anual de Recuperação do Patrimônio (R\$/ano)

CR = valor total (R\$) a ser recuperado de um bem

frc = fator de recuperação do capital

TABELA DE CÁLCULO DO *frc*

Custo de Oportunidade do Capital Investido (taxa real - % a.a.)

Vida útil (anos)	2%	3,6%	4%	6%	8%	10%	12%	14%	16%
2	0,52	0,53	0,53	0,55	0,56	0,58	0,59	0,61	0,62
4	0,26	0,27	0,28	0,29	0,30	0,32	0,33	0,34	0,36
6	0,18	0,19	0,19	0,20	0,22	0,23	0,24	0,26	0,27
8	0,14	0,15	0,15	0,16	0,17	0,19	0,20	0,22	0,23
10	0,11	0,12	0,12	0,14	0,15	0,16	0,18	0,19	0,21
12	0,09	0,10	0,11	0,12	0,13	0,15	0,16	0,18	0,19
14	0,08	0,09	0,09	0,11	0,12	0,14	0,15	0,17	0,18
16	0,07	0,08	0,09	0,10	0,11	0,13	0,14	0,16	0,18
18	0,07	0,08	0,08	0,09	0,11	0,12	0,14	0,15	0,17
20	0,06	0,07	0,07	0,09	0,10	0,12	0,13	0,15	0,17
22	0,06	0,07	0,07	0,08	0,10	0,11	0,13	0,15	0,17
24	0,05	0,06	0,07	0,08	0,09	0,11	0,13	0,15	0,16
26	0,05	0,06	0,06	0,08	0,09	0,11	0,13	0,14	0,16
28	0,05	0,06	0,06	0,07	0,09	0,11	0,13	0,14	0,16
30	0,04	0,06	0,06	0,07	0,09	0,11	0,12	0,14	0,16

Nota: O *frc* não é utilizado para calcular o custo de oportunidade da terra.

ESTUDO DE CASO

CUSTO DE IMPLANTAÇÃO E DE PRODUÇÃO DE MANGA E PONCÃ – REGIÃO NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO



Nesta edição, a **Hortifruti Brasil** avalia a estrutura de custos de uma fazenda localizada no norte do estado de São Paulo, envolvendo tanto o custo de formação quanto de produção de duas frutas: manga palmer e tangerina poncã. Destaca-se que se trata de um estudo de caso.

Com relação ao custo de formação da manga, o cálculo contempla a área total de 9,8 hectares, implantados na propriedade de abril de 2003 a março de 2006. Quanto ao estudo da poncã, a fazenda analisada possui 13,6 hectares em produção cultivadas com a fruta. A área em formação analisada nesta matéria compreende 2,46 hectares, implantados entre janeiro de 2009 e dezembro de 2010.

Quanto ao custo de produção (e não mais de formação do pomar), o cálculo refere-se ao ano-safra de 2010 tanto para a poncã quanto para a palmer.

O destino comercial de ambas as frutas é o mercado *in natura* doméstico. O próprio produtor é responsável

pela colheita das frutas, mas as despesas com logística são de responsabilidade do comprador.

No cálculo do custo total de produção da poncã (página 17), é importante considerar a sua alternância de produção. No ano de 2010, por exemplo, a produtividade foi 1.905,72 caixas de 27,2 kg/ha. Já em 2009, a produtividade havia sido de apenas 370,14 caixas de 27,2 kg/ha. Na média, a produtividade dos dois anos foi de 1.137,93 cx de 27,2 kg/ha. Assim, é importante considerar para o cálculo do custo de produção a média de produtividade e de gastos da temporada de alta e baixa produtividade.

Em relação à área irrigada, os talhões com poncã cultivados há mais tempo possuem sistema de irrigação por aspersão, enquanto que a área em formação ainda não possui sistema de irrigação específico. As mudas são irrigadas manualmente, o que é viabilizado pela pequena dimensão da área. Já para a manga, tanto a área em produção quanto em formação são de sequeiro.

PERFIL DA FAZENDA PRODUTORA DE MANGA E PONCÃ – REGIÃO NORTE PAULISTA

Manga Palmer

Tangerina Poncã

Área total (ha)	13,98	Área total (ha)	16,1
Área em produção (ha)	10,28	Área em produção (ha)	13,6
Área irrigada (ha)	0	Área irrigada (ha)	13,6
Produção (t)	208	Produção (cx de 27,2 kg)	25.975
Produtividade t/ha (2010)	20,2	Produtividade média – cxs/ha (2009 e 2010)	1.137,93
Adensamento médio (pés/ha)	347	Adensamento médio (pés/ha)	356
Número total de pés	4.851	Número total de pés	5.732
Número de pés em produção	3.381	Número de pés em produção	4.011
Número de pés em formação	1.470	Número de pés em formação	1.721
Árvores – distribuição		Árvores – distribuição	
Em formação e replantados de até 3 anos	32,4%	Em formação até 2 anos	30%
Pés de 4 anos	15,2%	Pés replantados até 3 anos	0%
Pés de 6 a 8 anos	52,4%	Pés de 17 a 20 anos	70%

SOLUÇÕES ARYSTA CONTRA REQUEIMA

Uma cesta de produtos completa
com tudo o que você precisa.

- Excelência no manejo.
- Prevenção em todos os estágios do plantio.

 **ORTHOCLIDE**
500

RANMAN
Fungicida

TAIREL
PLUS

Penncozeb
WG

A Arysta LifeScience apresenta os mais eficazes princípios ativos que mantém a Requeima bem longe da sua plantação, garantindo uma cesta cheia de produtividade pra você.
Procure um representante Arysta LifeScience e conheça de perto essas soluções.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Use adequadamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na ficha. Também sempre use equipamentos de proteção individual. Nunca acenda e utilize fogo próximo ao produto ou próximo do local.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRICOLA



www.arystalifescience.com.br



Arysta LifeScience

CUSTO TOTAL DE **FORMAÇÃO** DE MANGA PALMER NA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO - PERÍODO DE IMPLANTAÇÃO: 2003 - 2006



Área em formação: 9,8 ha	Número total de plantas: 2.544	Espaçamento: 7 m x 5,5 m	Densidade média (pés/ha): 259,59		
Itens	Anos 0-1 (2003/04) R\$/ha	Anos 1-2 (2004/05) R\$/ha	Anos 2-3 (2005/06) R\$/ha	Total R\$/ha	Total R\$/planta
Insumos	1.412,51	316,98	287,90	2.017,38	7,77
Herbicida	298,20	122,33	151,37	571,90	2,20
Defensivo	53,93	0,65	33,98	88,55	0,34
Adubo de solo e foliar	151,81	194,00	102,55	448,36	1,73
Mudas	908,57			908,57	3,50
Mão-de-obra	182,18	91,79	198,16	472,13	1,82
Preparo de solo	5,70	3,61	11,82	21,13	0,08
Plantio	11,76		1,67	13,43	0,05
Adubação	9,79	13,59	9,57	32,95	0,13
Pulverização	49,76	40,08	64,64	154,48	0,60
Tratos culturais	53,87	17,96	110,46	182,29	0,70
Irrigação	48,37			48,37	0,19
Deslocamento interno	1,59			1,59	0,01
Outros	1,33	16,56		17,89	0,07
Operações mecânicas	463,79	176,61	209,47	849,86	3,27
Preparo de solo	38,78	31,96	79,95	150,68	0,58
Plantio	15,35		5,64	21,00	0,08
Adubação	0,21	32,31		32,52	0,13
Pulverização	84,90	87,38	31,62	203,89	0,79
Tratos culturais	5,57	20,99	91,58	118,14	0,46
Irrigação	315,72			315,72	1,22
Deslocamento interno	1,99	0,86	0,68	3,53	0,01
Outros	1,27	3,12		4,39	0,02
Despesas gerais	268,25	416,00	714,48	1.398,72	5,39
Administração	178,05	310,24	514,37	1.002,66	3,86
Luz/Telefone	70,13	90,21	92,18	252,53	0,97
Impostos, Taxas e Contribuições	20,06	15,55	107,93	143,54	0,55
Custo do Capital de Giro	61,60	38,75	35,19	135,54	0,52
Total investido	2.388,32	1.040,13	1.445,19	4.873,64	18,77

CÁLCULO DO CARP

Vida útil do pomar (anos):	20	<i>fr</i> *	0,070999
Custo de Oportunidade (% a.a)	3,60	CARP** (R\$/ha) ano	R\$ 346,02

Obs: Estudo de caso de uma determinada fazenda, não reflete a média do estado de São Paulo.

* O valor do *fr* encontra-se na tabela da página 11.

** O valor do CARP foi obtido através da multiplicação do custo total de implementação pelo *fr*.

CUSTO TOTAL DE **PRODUÇÃO** DE MANGA PALMER NA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESTUDO DE CASO - Safra 2010

Itens	R\$/ha	R\$/Kg	Safra 2010 CO (%)	CT (%)
A. Mão-de-obra	1.756,30	0,09	23%	20%
Funcionário permanente + encargos	1.354,51	0,07	17%	15%
Diaristas/Temporários	401,78	0,02	5%	5%
B. Operações com máquinas/equipamentos	762,87	0,04	10%	9%
C. Fertilizantes	895,63	0,04	11%	10%
Adubo orgânico + químico + corretivo	895,63	0,04	11%	10%
D. Defensivos	2.075,68	0,10	27%	23%
Acaricida	28,76	0,001	0%	0%
Inseticida	173,26	0,01	2%	2%
Herbicida	69,37	0,003	1%	1%
Fungicida	778,89	0,04	10%	9%
Óleo mineral/Adjuvantes/Outros	1.025,41	0,05	13%	12%
E. Replântio	-	-	0%	0%
F. Irrigação	-	-	0%	0%
G. Despesas gerais	923,43	0,05	12%	10%
Administração da propriedade	432,06	0,02	6%	5%
Material de escritório	14,62	0,001	0%	0%
Luz/Telefone	59,12	0,003	1%	1%
Impostos, Taxas e Contribuições	213,51	0,01	3%	2%
Custo c/ utilitário + Seguro	91,95	0,005	1%	1%
Outros	112,18	0,01	1%	1%
H. Colheita*	1.109,97	0,05	14%	12%
Mão-de-obra (custo total, incluindo material de colheita)	1.109,97	0,05	14%	12%
I. Custo do Capital de Giro	273,15	0,01	4%	3%
Custo de oportunidade do capital próprio**	273,15	0,01	4%	3%
CUSTO OPERACIONAL (A+B+...+I)	7.797,03	0,39	100%	87%
J. CARP	593,67	0,03		7%
Pomar (vida útil 20 anos em produção)	346,02	0,02		4%
Máquinas	58,91	0,003		1%
Implementos	99,00	0,005		1%
Benfeitorias	89,74	0,004		1%
Irrigação	-	-		0%
K. Custo de Oportunidade da Terra	520,66	0,03		6%
CUSTO TOTAL (A+B+...+K)	8.911,36	0,44		100%

Obs: Este estudo de caso não representa o custo médio da manga em São Paulo.

* A comercialização foi realizada sobre rodas, incluindo somente a colheita, portanto não inclui o custo do frete.

** Os insumos (fertilizantes e defensivos) foram pagos a prazo, e não foi possível separar o valor destinado aos juros. Assim, no custo de capital de juros não foram considerados os juros pagos pelos insumos, somente o custo de oportunidade do capital próprio, com taxa de 6% a.a.

CUSTO TOTAL DE **FORMAÇÃO** DE TANGERINA PONCÃ NA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO - PERÍODO DE IMPLANTAÇÃO: 2009 - 2010



Área em formação: 2,46 ha	Número total de plantas: 1.721	Espaçamento: 6 m x 2,38 m	Densidade média (pés/ha): 699,59	
Itens	Anos 0-1 (2009) R\$/ha	Anos 1-2 (2010) R\$/ha	Total R\$/ha	Total R\$/planta
Insumos	2.890,29	2.221,67	5.111,96	7,31
Herbicida	70,57	87,75	158,32	0,23
Defensivo	205,37	672,06	877,43	1,25
Adubo de solo e foliar	525,85	608,46	1.134,30	1,62
Mudas	2.088,33	780,00	2.868,33	4,10
Óleo mineral/Adjuvante/Outros	0,16	73,41	73,57	0,11
Mão-de-obra	1.396,41	895,12	2.291,53	3,28
Preparo de solo	117,72	6,71	124,42	0,18
Plantio	366,60	126,05	492,65	0,70
Adubação	55,30	21,70	77,00	0,11
Pulverização	95,44	205,74	301,18	0,43
Tratos culturais	518,16	315,30	833,46	1,19
Irrigação	204,17	180,60	384,77	0,55
Deslocamento interno	39,02	39,02	78,05	0,11
Operações mecânicas	558,63	363,72	922,35	1,32
Preparo de solo	77,57	14,33	91,90	0,13
Plantio	25,20	16,05	41,26	0,06
Adubação	24,62	-	24,62	0,04
Pulverização	57,91	157,46	215,37	0,31
Tratos culturais	69,43	52,86	122,29	0,17
Irrigação	285,35	91,60	376,95	0,54
Deslocamento interno	18,54	31,41	49,96	0,07
Despesas gerais	1.123,14	1.494,99	2.618,13	3,74
Administração	921,69	916,60	1.838,29	2,63
Luz/Telefone	126,26	125,42	251,68	0,36
Impostos, Taxas e Contribuições	75,19	452,97	528,16	0,75
Custo do Capital de Giro	98,45	176,23	274,68	0,39
Total Investido	6.066,92	5.151,73	11.218,64	16,04

CÁLCULO DO CARP

Vida útil do pomar (anos):	20	<i>frc*</i>	0,070999
Taxa de juros CARP	3,60%	CARP* (R\$/ha) ano	R\$ 796,51

Obs: Estudo de caso de uma determinada fazenda, não reflete a média do estado de São Paulo.

* O valor do *frc* encontra-se na tabela da página 11.

** O valor do CARP foi obtido através da multiplicação do custo total de implementação pelo *frc*.

CUSTO DE PRODUÇÃO DE TANGERINA PONCÃ NA REGIÃO NORTE DO ESTADO DE SÃO PAULO - ESTUDO DE CASO - Safra 2010

Itens	R\$/hectare	R\$/cx*	Safra 2010	
			CO (%)	CT (%)
A. Mão-de-obra	1.050,17	0,92%	9%	8%
Funcionário permanente + encargos	578,63	0,51%	5%	4%
Diaristas/Temporários	471,54	0,41%	4%	3%
B. Operações com máquinas/equipamentos	850,65	0,75%	8%	6%
C. Fertilizantes	1.373,82	1,21%	12%	10%
Adubo orgânico + químico + corretivo	1.373,82	1,21%	12%	10%
D. Defensivos	2.036,50	1,79%	18%	15%
Acaricida	355,61	0,31%	3%	3%
Inseticida	407,47	0,36%	4%	3%
Herbicida	96,88	0,09%	1%	1%
Fungicida	680,70	0,60%	6%	5%
Óleo mineral/Adjuvantes/Outros	495,84	0,44%	4%	4%
E. Replântio	-	-	0%	0%
F. Irrigação	202,59	0,18%	2%	2%
G. Despesas gerais	1.017,26	0,89%	9%	8%
Administração da propriedade	481,68	0,42%	4%	4%
Material de escritório	14,62	0,01%	0%	0%
Luz/Telefone	65,91	0,06%	1%	0%
Impostos, Taxas e Contribuições	238,04	0,21%	2%	2%
Custo c/ utilitário + Seguro	91,95	0,08%	1%	1%
Outros	125,06	0,11%	1%	1%
H. Colheita**	3.819,95	3,36%	35%	29%
Mão-de-obra (custo total, incluindo material de colheita)	3.819,95	3,36%	35%	29%
I. Custo do Capital de Giro	714,30	0,63%	6%	5%
Custo de oportunidade do capital próprio	714,30	0,63%	6%	5%
Custo Operacional (A+B+...+I)	11.065,25	9,72%	100%	84%
J. CARP	1.596,53	1,40%		12%
Pomar (vida útil 20 anos em produção)	796,51	0,70%		6%
Máquinas	155,51	0,14%		1%
Implementos	313,31	0,28%		2%
Benfeitorias	236,88	0,21%		2%
Irrigação	94,31	0,08%		1%
K. Custo de Oportunidade da Terra	520,66	0,46%		4%
Custo Total (A+B+...+K)	13.182,44	11,58%		100%

Obs: Este estudo de caso não representa o custo médio da tangerina poncã em São Paulo.

Obs 2: Os insumos (fertilizantes e defensivos) foram pagos a prazo. Assim, deduziu-se do custo de capital de giro os juros cobrados nos insumos e só se considerou o custo de oportunidade de uso do capital próprio.

* Por conta da alternância de produção, simulou-se o custo médio por caixa da safra de 2010 pela produtividade média obtida nos anos de 2009 e 2010, e não só pelo ano de 2010. A produtividade média considerada foi de 1.137,93 caixas/ha.

** A comercialização da poncã é sobre rodas. O valor do frete é pago pelo comprador.



CUSTO DE FORMAÇÃO DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Parte da equipe **Hortifruti Brasil** se reuniu com produtores e técnicos da região do Vale do São Francisco (BA/PE) em janeiro de 2009 para estimar o custo total de formação de um parreiral em três modelos típicos de escala de produção da região: o de pequena, média e de grande escala. O custo total de produção dessas propriedades já foi publicado na edição nº 93 (agosto de 2010) da revista **Hortifruti Brasil** (Especial Frutas). Naquela ocasião, o custo de formação não foi apresentado, sendo considerado apenas o CARP do pomar, ou seja, a parcela anual que representaria a recuperação do investimento.

Outra consideração metodológica importante a ser feita comparativamente ao CARP da edição de agosto de 2010 é que foi alterada a taxa para o seu cálculo e incluso no custo de formação o custo do capital de giro. Na época, a metodologia do CARP contemplava uma taxa nominal de desconto de 6% a.a. No presente estudo, foi incorporada uma taxa real (descontada a inflação) – o padrão utilizado pelo Cepea é de 3,6% a.a. para o custo de oportunidade do capital investido. No entanto, o custo de oportunidade do capital é um valor que varia muito de produtor a produtor e vai depender das suas alternativas de investimento.

Diferentemente das planilhas nas páginas anteriores, o método de levantamento dos dados de custo de formação do pomar apresentados para a uva é o Painel. Através desta me-

todologia, o resultado obtido reflete uma média dos custos de uma determinada região, ao contrário do estudo de caso que representa a situação de um produtor específico.

O tempo de formação de um parreiral é de apenas 12 meses. Quanto à irrigação, o sistema implantado é o de gotejamento.

Deve-se ressaltar que, apesar das diferentes escalas de produção, os perfis das propriedades avaliadas no Painel possuíam acesso às mesmas tecnologias de formação e produção e uma estrutura mínima para atuar no segmento exportador, isto é, instalações de beneficiamento e a fruta certificada.

Observa-se que a propriedade de grande escala de produção possui um custo de formação por hectare inferior a pequena e a média escala de produção. No entanto, quando se apurou o custo de produção total (edição de agosto de 2010) dessas três escalas de produção, concluiu-se que a de grande escala era o que apresentava maior valor por hectare. À medida que aumenta a escala de produção, há um incremento acentuado de ativos imobilizados, principalmente com relação à infraestrutura - *packings houses*, barracões, escritórios e câmaras frias (grande escala). Assim, em um projeto de implantação de uma propriedade de uva deve-se levar em conta além do custo de formação, toda a infraestrutura envolvida à medida que se aumenta a escala de produção.

PERFIL DAS PROPRIEDADES DE UVA NO VALE DO SÃO FRANCISCO ANO DE FORMAÇÃO: 2008

	Pequena	Média	Grande
Área em formação (ha):	12	35	250
Densidade (pés/ha)	1.000	1.000	1.000
Vida útil (anos)	12	12	12
Variedades (% sobre o total em formação):			
Festival (%)	35	30	32,2
Thompson (%)	30	40	32
Crimson (%)	-	10	12,4
Itália melhorada (%)	35	20	23,4

A planilha de custo de produção total de uva foi publicada na edição nº 93 (agosto de 2010) - Especial Frutas.

Fonte: Cepea

CUSTO TOTAL DE **FORMAÇÃO** DE UVA NA REGIÃO DO VALE DO SÃO FRANCISCO - ANO DE IMPLANTAÇÃO: 2008

Composição das variedades*	Pequena escala (12 ha)	Média escala (35 ha)	Grande escala (250 ha)
Sugraone (festival).....	35%	30%	32,2%
Thompson.....	30%	40%	32%
Crimson.....		10%	12,4%
Itália melhorada.....	35%	20%	23,40%

* O custo de implantação foi apurado com base em um conjunto de cultivares de uva.
Adensamento: 1.000 plantas/ha

Itens	Pequena escala R\$/ha	Média escala R\$/ha	Grande escala R\$/ha
Insumos	14.419,04	13.796,39	12.561,89
Adubação.....	7.445,00	6.571,00	6.440,00
Fertirrigação.....	2.755,80	2.895,15	2.091,65
Adubo foliar.....	567,50	579,50	579,50
Defensivo.....	1.950,74	1.950,74	1.950,74
Mudas.....	1.700,00	1.800,00	1.500,00
Infraestrutura do parreiral	21.432,64	25.600,17	22.422,07
Arame, mourão e outros.....	21.432,64	25.600,17	22.422,07
Mão-de-obra	8.400,00	8.400,00	10.709,49
Operações mecânicas	1.726,04	1.925,51	1.889,49
Pulverização.....	1.659,29	1.659,29	1.623,27
Gradagem.....	-	29,67	29,67
Roçagem.....	55,70	33,97	33,97
Adubação.....	11,05	202,58	202,58
Irrigação	940,00	1.440,00	1.800,00
Serviços terceirizados	12.300,00	7.932,00	5.940,00
Implantação do parreiral.....	12.300,00	7.932,00	5.940,00
Custo do Capital de Giro	3.436,16	3.545,64	3.319,38
Total investido	62.770,78	62.639,71	58.642,32

CÁLCULO DO CARP

	Pequena escala	Média escala	Grande escala
Vida útil do pomar (anos):	Custo de Oportunidade:		<i>frc</i> ***:
12	3,6%		0,104094
CARP (R\$/ha) ano**	R\$ 6.534,06	R\$ 6.520,41	R\$ 6.104,31

Obs: Neste Painel, não foram computadas as despesas gerais para as três escalas de produção.

** O valor do CARP foi obtido através da multiplicação do custo total de implementação pelo *frc*.

*** O valor do *frc* encontra-se na tabela da página 11.

Equation® previne. Você produz com qualidade.

Equation™ é o fungicida da DuPont que controla preventivamente o Míldio na cultura da uva, mesmo nos períodos mais chuvosos, devido à sua maior aderência, proporcionando qualidade na hora da colheita.



Equation® é marca registrada da DuPont. © 2011, DuPont do Brasil S/A. Todos os direitos reservados. © 2011, DuPont. O Oval DuPont e DuPont™ são marcas registradas da E.I. DuPont de Nemours and Company ou suas afiliadas.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRONÔMICO.**



Produto de uso agrícola.
Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produto.

DuPont[™] Equation[®] fungicida



ESCALA

Para maiores informações, acesse: **TeleDuPont** 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br



Os milagres da ciência

QUAL É O MELHOR MOMENTO PARA INVESTIR NA FRUTICULTURA?

A resposta é até fácil se reproduzirmos na atividade agrícola a máxima do mercado financeiro: o ideal é investir na baixa e vender na alta. No entanto, não é fácil traduzir essa “recomendação” para a fruticultura. A entrada e saída de um investimento agrícola não é tão simples quanto a compra ou a venda da ação de uma empresa em bolsa de valores. Além disso, nunca sabemos qual é o piso de preços de uma cultura nem qual é o seu teto para, então, termos a sinalização sobre a hora certa para investir.

No entanto, boa parte dos produtores toma decisão contrariando essa máxima do mercado financeiro. O ânimo para investir em fruticultura, no geral, é maior quando os preços estão elevados por conta da maior lucratividade obtida naquele momento. Mas, é importante entender que, neste momento, todos os ativos vão estar mais valorizados, encarecendo o investimento, por exemplo, em terra, muda, máquinas, equipamentos e até mão-de-obra. Assim, formar uma poupança em momentos de alta lucratividade para investir em momentos de baixa, caso haja expectativa de nova alta de preços no médio prazo, pode ser uma opção racional.

O mais importante na tomada de decisão sobre a hora de investir é não se basear na atual lucratividade da fruticultura: seja positiva ou negativa. Deve-se considerar que os investimentos no setor fruticultor são de longo prazo. É importante avaliar ano a ano se a atividade está proporcionando receita que remunere o capital investido. Pode acontecer de o cenário econômico mudar completamente em 10 anos frente ao estimado inicialmente e, assim, alterar a expectativa de retorno considerada no projeto.

Essa situação foi vivenciada pela fruticultura voltada ao mercado externo. Sua receita foi bastante reduzida nos últimos anos por conta do

dólar desvalorizado, ao passo que seus custos aumentaram, especialmente pelo encarecimento da mão-de-obra. Assim, a reavaliação da lucratividade da cultura frente ao capital investido a cada ano é essencial para o tomador de decisão saber se ele muda o projeto inicial ou o mantém.

Os projetos na área de fruticultura do início da década passada (2001 a 2010) utilizavam uma estimativa de câmbio entre R\$ 2,50 e R\$ 2,80/US\$. Dependendo do ano do investimento naquela década, a fruticultura exportadora proporcionou elevados retornos, suficientes até mesmo para que o investimento fosse recuperado em metade do tempo previsto. Em outros casos, no entanto, o retorno pode levar mais tempo do que o estimado inicialmente. Há ainda situações em que continuar na atividade é inviável por conta da descapitalização gerada pela cultura. Em qualquer que seja o caso, as conclusões sobre a sustentabilidade econômica do negócio só são obtidas a partir de uma análise apurada da lucratividade ano a ano. Nesse processo, é importante avaliar o lucro real da atividade deduzindo-se o custo total de produção da receita bruta.

A análise entre Receita Bruta (RB) e Custo Total (CT) é essencial para orientar a tomada de decisão do produtor quanto a continuar investindo, mudar o destino da produção ou mesmo mudar de atividade. Duas formas para fazer esses cálculos são apresentadas a seguir: a apuração do lucro (Lucro) e o retorno da atividade (*rr*). Se sistematicamente o retorno da atividade for negativo, o negócio não está sendo economicamente sustentável e é importante buscar outras alternativas. No geral, a fruticultura só será sustentável economicamente se o seu lucro apresentar-se positivo. ■



LUCRO DA ATIVIDADE DA FRUTICULTURA (Lucro)

$$\text{LUCRO} = \text{RB} - \text{CT}$$

RETORNO DA ATIVIDADE (*rr*)

$$rr = \text{LUCRO} / \text{CT}$$

Onde:

RB = Receita Bruta (R\$)

CT = Custo Total de Produção (R\$)



Tomates Italianos

Os astros de maior lucratividade do mercado



Baby Italiano



Kátia



Vênus



Plutão



Saturno



Netuno



Guacá



sementes

eagle®

Sinônimo de qualidade.

Representante exclusivo no Brasil:



Hybrid Tomato

www.eaglesementes.com.br

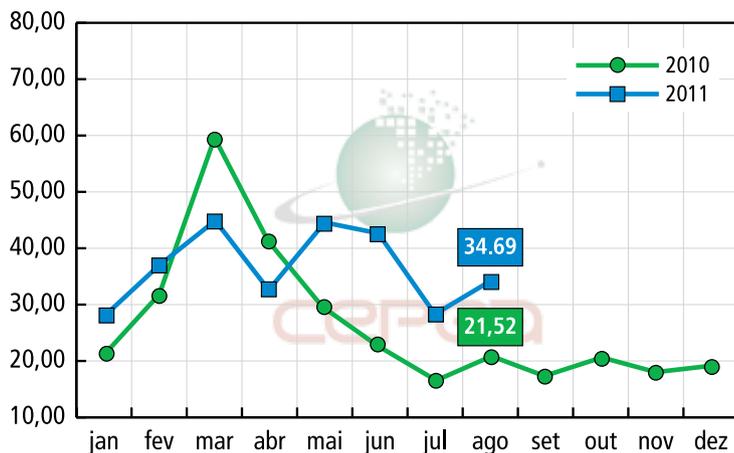


Geadas atingem lavouras do Sul de MG



Geadas no Sul de Minas preocupa agentes

Fortes geadas atingiram algumas lavouras de tomate do Sul de Minas Gerais na primeira semana de agosto. No entanto, as conseqüências das geadas devem ser contabilizadas apenas ao longo do desenvolvimento das plantas, visto que, na época da ocorrência do fenômeno, a região estava em período de transplântio das mudas. Produtores locais comentam que cerca de 40% das roças da região mineira foram atingidas pelas geadas, mas muitos acreditam que as plantas ainda podem se recuperar. Neste primeiro mês de colheita, a produtividade ficou abaixo do potencial produtivo da região. Em relação aos preços, os valores estiveram elevados em agosto na maioria das regiões que colhem neste período, principalmente nas primeiras semanas do mês, isso ocorreu devido ao clima mais frio, que retardou a maturação dos frutos e reduziu significativamente a oferta no mercado. Em agosto, o tomate salada 2A teve média de R\$ 34,69/cx de 22 kg na Ceagesp, valor 19,53% maior que o de julho e 61% superior ao de agosto de 2010. Agentes colaboradores do Cepea informaram que, mesmo com as fortes variações de temperaturas nas últimas semanas de agosto, a qualidade do fruto que ainda será colhido não deve ser afetada, mas o calibre pode ser menor. O Sul de Minas deve começar a colheita a partir de setembro.



Frio reduz maturação e eleva preço

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 23 kg

Fonte: Cepea

Segunda parte da temporada de inverno é iniciada

As regiões produtoras de Paty do Alferes (RJ) e Sul de Minas Gerais iniciam a segunda parte da safra de inverno em setembro. A praça fluminense deve colher neste mês cerca de 350 mil pés. Já na praça mineira, a colheita poderá ocorrer em aproximadamente 600 mil pés, de acordo com levantamentos do Cepea. A maior concentração de volume dessas regiões deve ocorrer em novembro, quando 35% da área de Paty do Alferes deve ser ofertada, e 45%, da do Sul de Minas. Considerando-se as demais regiões que ofertam neste período, a colheita deve ganhar ritmo em outubro, com a entrada de Sumaré (SP) e do Norte do Paraná no mercado. Colaboradores do Cepea estimam que a área deve totalizar 11,5 milhões de pés, estável frente à da segunda parte da safra de inverno de 2010. A previsão é de que a temporada se encerre em dezembro, com a colheita dos últimos 2 milhões de pés.

Transplântio da safra de verão ganha ritmo

O transplântio da temporada de verão 2011/12 será intensificado em setembro, com o início da atividade nas regiões de Caçador (SC), Urubici (SC) e Caxias do Sul (RS). Estima-se que o total de mudas a serem transplantadas nas roças em setembro seja de 8,6 milhões, 55% maior em comparação à quantidade transplantada em agosto. Deste total, 13% correspondem às regiões catarinenses e, 11%, às de Caxias do Sul. Até o momento, ambas as praças estimam manter a área de produção frente à da safra 2010/11. Por outro lado, espera-se redução nos investimentos em Venda Nova do Imigrante (ES) e Nova Friburgo (RJ), onde as áreas devem cair 17% e 7%, respectivamente, se comparadas às cultivadas na temporada 2010/11. O transplântio da safra de verão deve seguir até fevereiro de 2012, sendo que o pico da atividade é esperado para novembro de 2011, quando 19 milhões de mudas devem ser transplantadas.

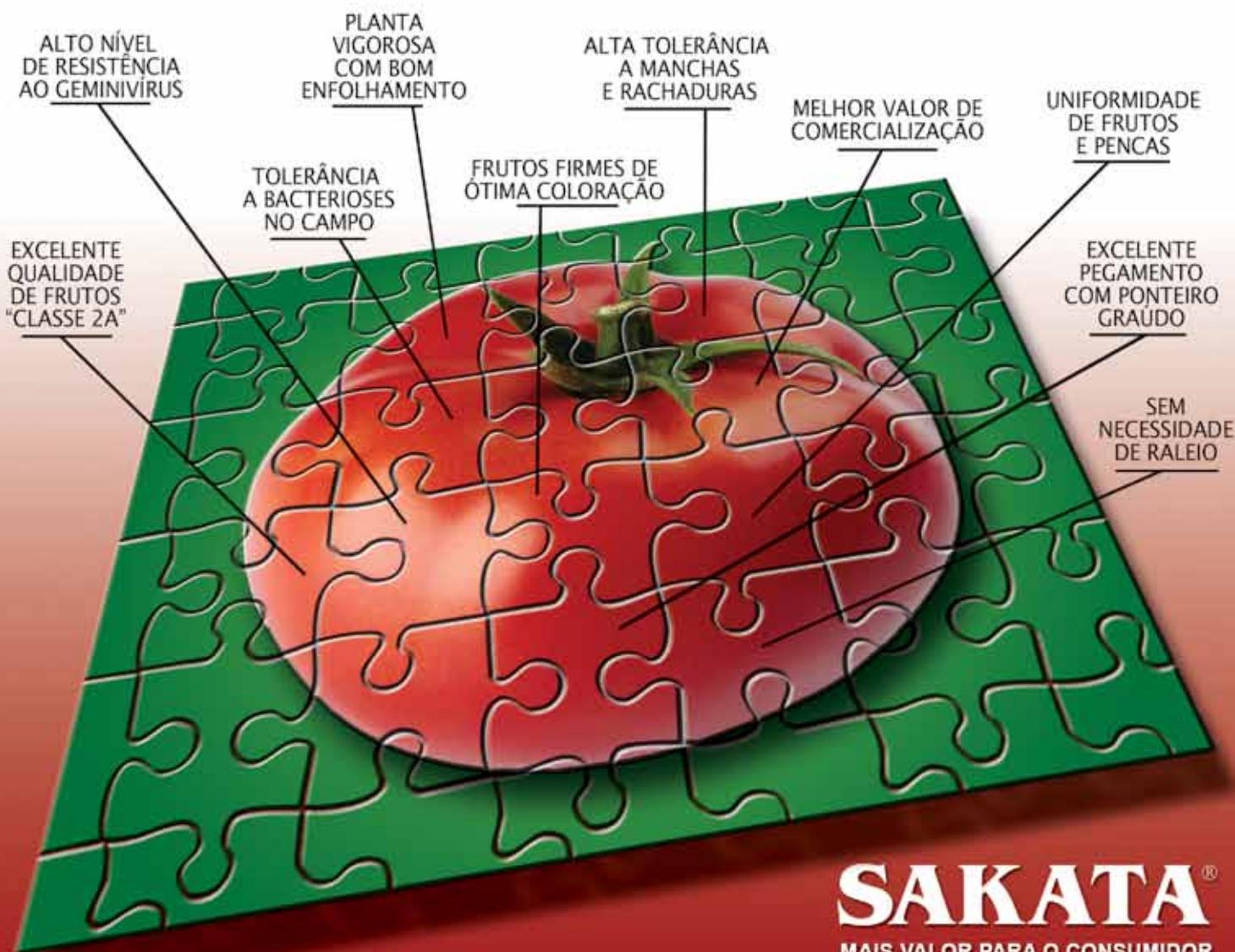




Esta é a solução do quebra-cabeças do Geminivírus

Pesquisado e desenvolvido pela SAKATA para as condições brasileiras de produção, o novo híbrido de tomate tipo salada IVETY é a solução para enfrentar o Geminivírus com lucratividade.

IVETY - A Solução Completa.



SAKATA[®]
 MAIS VALOR PARA O CONSUMIDOR
 MAIS VALOR PARA O PRODUTOR[®]

Mais

forte e implacável
contra as pragas.

Marshal[®]star



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



- Fórmula FMC mais concentrada e adaptada ao controle de ácaro
- Ação de contato e ingestão
- Inseticida acaricida sistêmico
- Aplicação terrestre e aérea

MARSHAL STAR. A LEI DO MAIS FORTE.

FMC

Fazendo Mais pelo Campo



Oferta nacional de batata deve aumentar em setembro

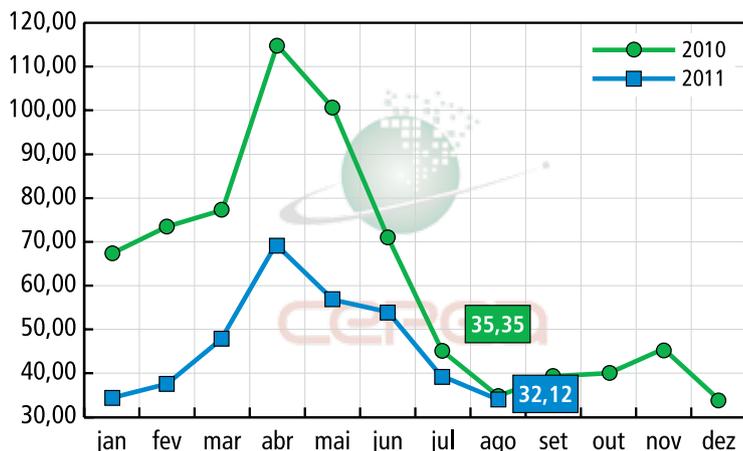
Safra de inverno entra em pico de oferta

A safra de inverno das principais regiões produtoras do País entra em pico de colheita em setembro, quando 32% da área total da temporada deve ser ofertada. As regiões que devem intensificar as atividades são: Vargem Grande do Sul (SP), Cristalina (GO) e Sul de Minas Gerais. No mês passado, estima-se que a colheita nessas regiões tenha sido de 6.828 hectares. Para setembro, a expectativa é que haja aumento de 13% na área colhida, equivalente a 7.905 hectares. A praça paulista deve colher 45% do total cultivado para a safra, Cristalina, 24% e, o sul mineiro, 35%. Além dessas regiões, Chapada Diamantina (BA) deverá seguir com a oferta escalonada, de cerca de 8% da safra ao mês. Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba também deve enviar uma parte da produção ao mercado doméstico em setembro. De modo geral, a oferta neste ano deve ser mais concentrada em setembro em relação ao mesmo mês do ano passado, já que, em 2011, as chuvas atrasaram o plantio. Quanto à produtividade, as regiões estão dentro do potencial médio, que é de 37 t/ha para Vargem Grande do Sul, de 37 t/ha para Cristalina e de 30 t/ha no Sul de Minas Gerais.



Chuva no Sul atrasa plantio da temporada das águas

Produtores de batata do Sul do País estão atrasados com as atividades de plantio por conta



Preço recua com pico de safra em Vargem Grande do Sul

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca

das freqüentes chuvas que atingiram a região em agosto. A expectativa inicial de produtores era de que, até o final do mês passado, 12% do total a ser cultivado no Sul teria sido plantado. No entanto, com o excesso de umidade, apenas 8% foi cultivado. Produtores comentam que ainda é cedo para indicar os impactos das chuvas nas lavouras, mas muitos acreditam que a produtividade deve reduzir no fim do ano. Além disso, em algumas lavouras já plantadas foi observado apodrecimento de uma parcela de batata-semente e problemas no desenvolvimento das plântulas. Já em Minas Gerais, o plantio seguiu sem problemas. Segundo produtores mineiros, até o final de agosto, cerca de 20% da área total da temporada havia sido cultivada. Como a umidade limitou o avanço do plantio, em setembro, caso o clima seja favorável, a atividade deverá ser mais concentrada, especialmente em São Mateus Sul (PR) e Ibiraiaras (RS), com a previsão de 27% da área total, 17% superior ao comumente plantado no período. Para o Sul de Minas Gerais, o pico de plantio deve ocorrer em setembro, com o cultivo de 50% da área total da temporada.

Chapada Diamantina e Cristalina com rentabilidade negativa

Produtores da Chapada Diamantina (BA) e de Cristalina (GO) obtiveram maus resultados em agosto, devido ao recuo das cotações da batata verificado desde julho. Essa redução dos valores do tubérculo esteve atrelada à entrada de Vargem Grande do Sul (SP) no mercado. Na região baiana, o preço pago pela saca de 50 kg de batata ágata especial beneficiada foi de R\$ 31,57 em agosto, valor 8% inferior ao mínimo médio para cobrir os custos estimados por produtores – que foi cerca de R\$ 34,25/sc de 50 kg. Em Cristalina, o cenário foi pior. O preço pago pela ágata beneficiada foi de R\$ 22,41/sc de 50 kg em agosto, montante 20% abaixo do mínimo, calculado, em R\$ 28,00/sc. Em setembro, a maior oferta da safra de inverno pode prejudicar ainda mais a rentabilidade dos produtores nessas regiões.

SEÇÃO ELETRÔNICA BATATA
Cadastre-se e receba preços semanais de batata.
www.cepeca.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



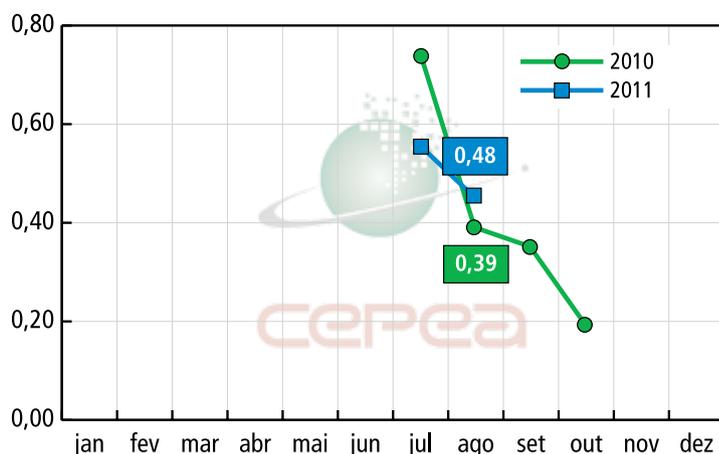
Pico de safra nacional em setembro



Regiões produtoras intensificam colheita

Conforme previsto durante o plantio, a oferta de cebola no mercado interno será elevada em setembro. Apesar da menor disponibilidade do bulbo no Vale do São Francisco neste mês, as regiões produtoras de São Paulo, de Minas Gerais e de Goiás estão em pico de safra. Isso se deve às chuvas durante as atividades de plantio nessas praças, o que atrasou a semeadura direta e o transplante de mudas. Em Cristalina (GO), o plantio se concentrou em abril, fazendo com que esta praça oferte, em setembro, 30% do total da safra. Neste mês, estima-se que a disponibilidade das regiões produtoras seja 14% maior que a de agosto. Quanto aos preços, devem seguir em queda. Em São José do Rio Pardo e Monte Alto (SP), a média recebida pelo produtor na roça foi de R\$ 0,48/kg em agosto, 17% menor que a obtida no mês anterior. Ainda assim, o valor é 17% superior ao mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura, com produtividade média de 49,5 t/ha registrada em agosto. Outro fator que colaborou para a maior oferta do produto foi o tempo quente e seco, que acelera a maturação dos bulbos, levando produtores a antecipar a colheita, além de manter a produtividade em patamares próximos ao do potencial produtivo.

Safra de híbrida inicia em Piedade; área tem queda



Colheita aumenta e reduz preço

Preços médios recebidos por produtores de Monte Alto e São José do Rio Pardo (SP) pela cebola híbrida na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea

A temporada de cebola híbrida na região de Piedade (SP) deve começar no final de setembro, e elevará a oferta no mercado. A área plantada nesta safra deve reduzir 10% em relação à do ano passado, em função dos resultados insatisfatórios obtidos no segundo semestre de 2010. A baixa disponibilidade de sementes no início do ano também limitou os investimentos. Além disso, o clima chuvoso em abril afetou o andamento do plantio em Piedade. Alguns lotes tiveram perdas de planta, especialmente onde a semeadura direta foi realizada. Quanto ao transplante das mudas cultivadas em bandejas, houve atraso devido à dificuldade de realização das atividades de campo. A safra teria iniciado mais cedo (em meados de setembro), se não fossem as condições climáticas. Assim, as expectativas são de produtividade menor no começo desta temporada, o que deve ser normalizado com a intensificação da colheita.

No RN, temporada começa no final do mês

As safras das regiões de Mossoró e Baraúna (RN) estão previstas para iniciar no final de setembro. Nessas áreas, o plantio de cebola é realizado por pequenos produtores, que estavam desestimulados com a atividade e reduziram os investimentos. Estima-se que a redução de área chegue a 50%. Isso ocorreu devido à rentabilidade negativa obtida na temporada passada, quando produtores locais estavam mais capitalizados e expandiram a área, o que pressionou as cotações. Alguns produtores de melão e melancia, que tinham migrado para a cebola no ano passado, voltaram a focar os investimentos nas cucurbitáceas em 2011. O transplante das mudas de cebola na região finalizou em agosto. O clima foi favorável durante as atividades e as plantas se desenvolveram de forma satisfatória. A expectativa é de que o pico de oferta ocorra em dezembro. Segundo produtores do Rio Grande do Norte, a rentabilidade desta safra pode ser maior que a do ano passado, visto que, em outubro, as regiões de Irecê (BA) e Vale do São Francisco devem ofertar baixo volume de cebola.



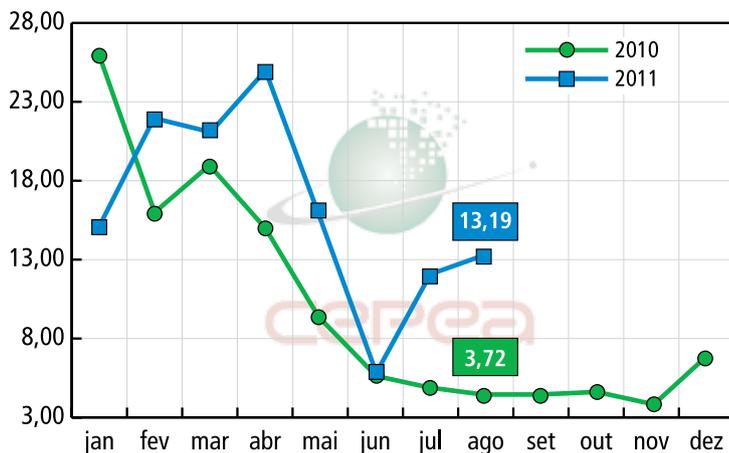


Menor área e frio reduzem oferta em Minas Gerais

Volume pode permanecer baixo até outubro

O clima relativamente frio nas praças mineiras de São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba tem limitado o desenvolvimento da cenoura desde o começo da safra de inverno, início do segundo semestre. Em agosto deste ano cerca de 10% do total da área cultivada foi colhida, metade do que havia sido colhida no mesmo período de 2010. Além disso, a área cultivada nessa região também diminuiu. Desta forma, a oferta tem se mantido baixa desde o final da temporada de verão, sendo que em muitas ocasiões, o mercado de Minas Gerais precisou ser abastecido com cenoura de outras praças. Em agosto, a média dos preços foi de R\$ 13,19, 253,4% maior do que a do mesmo mês da safra de 2010. De acordo com produtores, a oferta deve permanecer baixa até setembro ou outubro, meses em que a temperatura será mais elevada e o desenvolvimento da raiz pode ser normalizado. Entretanto, no geral, a oferta esperada nesta safra é menor que a da passada. Com isso, os preços podem ficar em patamares maiores. Na média das regiões acompanhadas pelo projeto Hortifruti/Cepea em todo o País, produtores reduziram a área de plantio em aproximadamente 3,5%, já que na safra de inverno do ano passado os preços não foram atrativos.

Menor investimento reduz produção na BA



Cenoura tem nova valorização em agosto

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

A oferta das praças de Irecê e de João Dourado (BA) deve ser relativamente baixa até o final do ano. Isso porque os preços obtidos no mesmo período de 2010 não estimularam investimentos e alguns produtores migraram para outras culturas, como cebola, tomate e beterraba. Como resultado, a área foi reduzida em cerca de 15% nesta temporada frente à passada. A oferta só não está mais baixa devido à boa produtividade. Em julho e agosto, o rendimento médio das lavouras baianas foi 5% maior que o do mesmo período da safra passada, alcançando a média de 35 t/ha. Entretanto, a produtividade deve diminuir em setembro e outubro, quando costuma haver falta de água na região. Com a menor área, os preços estiveram mais atrativos na Bahia nos últimos meses. A média de julho e de agosto desta safra foi de R\$ 7,46, o que representa 66,3% acima do verificado no mesmo bimestre de 2010.



Chuva e geada prejudicam safra no RS

A produção das praças de Caxias do Sul, Vacaria e Antonio Prado (RS) estão sendo prejudicadas por fortes chuvas e frio intenso desde julho. Com isso, as lavouras estão com problemas de desenvolvimento. A chuva dificulta tanto a colheita quanto o preparo da terra para o plantio, atividades que já estão atrasadas em relação ao planejamento. As geadas também limitam o desenvolvimento da hortaliça, retardando o seu ciclo, que duraria, em temperaturas ideais, aproximadamente 120 dias (do plantio à colheita). Com isso, as adversidades climáticas estão ocasionando baixa oferta na região, que deve permanecer assim durante boa parte desta safra de inverno, de acordo com os produtores. A produtividade de agosto foi de 54,4 t/ha, 11,35% menor que a do mesmo mês do ano passado. Nesse contexto, o preço está acima do verificado na temporada anterior, quando a oferta era maior. Nos meses de julho e agosto, a média dos preços foi de R\$ 15,87, valor 100% maior que o do mesmo período de 2010.



Fonte: Cepea





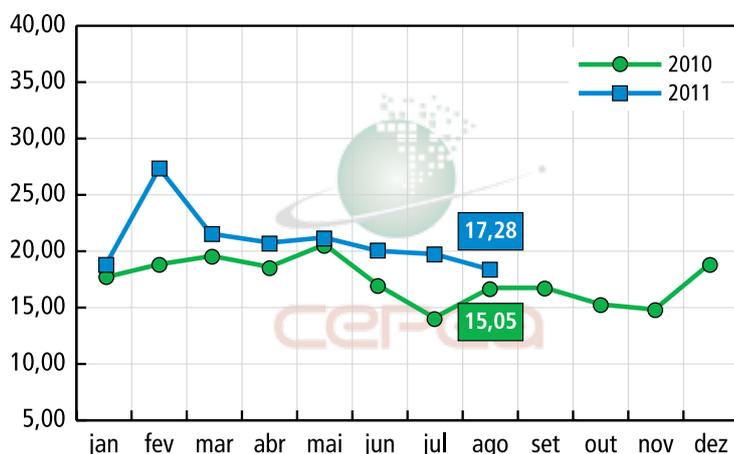
De olho no mercado internacional, RN/CE amplia área

Área de cultivo no RN/CE aumenta 9,5%

A área de melão na atual temporada do Rio Grande do Norte e Ceará deve ser 9,5% superior em relação à da safra passada, totalizando 11.493 hectares. Esse aumento está relacionado, sobretudo, à expectativa de incremento da exportação por parte de grandes empresas, que arrendaram terras ociosas para o plantio, segundo levantamentos do Cepea. A intenção geral de produtores é de reposicionamento no mercado internacional – na safra 2010/11, houve forte quebra de 15% frente à anterior. Além disso, para a temporada 2011/12, os contratos fechados com compradores internacionais envolveram maiores volumes, devido à menor safra da Espanha neste ano. Já pequenos produtores devem manter ou reduzir ligeiramente suas áreas. Agentes do RN/CE informaram que 80% da área de cultivo serão destinados ao melão amarelo, que é a variedade mais comercializada e exportada.

Produtor deve ficar atento à crise externa

Apesar da expectativa de incremento nas exportações de melão na safra 2011/12, o cenário internacional ainda é incerto. Ao mesmo tempo em que a safra espanhola foi menor em 2011, a crise na União Européia pode limitar o consumo naquele bloco. Além disso, com o dólar desvalorizado frente ao Real, a rentabilidade do produtor pode ser limitada. De modo geral, as exportações



iniciaram na segunda quinzena de agosto, mas os embarques estavam mais tímidos frente aos do início da temporada passada. Os envios devem ganhar ritmo em setembro, seguindo até o início de 2012. Mesmo com o recuo da atividade econômica na Europa, alguns agentes acreditam que as exportações desta safra possam superar às da anterior, recuperando, inclusive, os volumes embarcados na temporada 2009/10 – essa é a aposta de grandes empresas, que devem aumentar os volumes exportados. Contudo, boa parte dos pequenos produtores da Chapada do Apodi (RN) e do Baixo Jaguaribe (CE), receosos com a crise, deve manter os mesmos volumes enviados ao mercado externo se comparado aos do ano passado.



Preços mais baixos no mercado doméstico

O preço do melão deve seguir em queda em setembro, com a intensificação da colheita no Rio Grande do Norte e Ceará. O volume de melão disponibilizado no mercado doméstico começou a aumentar em meados de agosto. A demanda, por sua vez, não foi suficiente para absorver a oferta, e as cotações foram pressionadas nas regiões produtoras. A maior queda nos preços foi observada no Vale do São Francisco devido, em parte, à predominância de melões miúdos. Além disso, visando escoar a fruta com mais liquidez, produtores reduziram os valores do melão, o que tornou o produto do Vale mais competitivo frente ao do pólo produtor Rio Grande do Norte/Ceará. Essa prática foi possível por conta dos menores custos. Os gastos para produção de uma caixa de 13 kg de melão amarelo no Vale do São Francisco foram, em agosto, cerca de 13,7% inferiores aos do RN/CE, conforme dados coletados pelo Cepea. Em agosto, o melão tipo 6-7 foi comercializado à média de R\$ 17,74/cx de 13 kg no RN/CE, queda de 5,9% frente à de julho. No Vale do São Francisco, o melão foi cotado a R\$ 17,28/cx, queda de 9% na mesma comparação. Para os próximos meses, agentes têm expectativa que a demanda nacional se eleve, influenciada pelo aumento das temperaturas.



Menor demanda pressiona cotações

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 do Vale do São Francisco- R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA MELÃO
Cadastre-se e receba preços semanais de melão.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



Época de floradas no Sul do Brasil

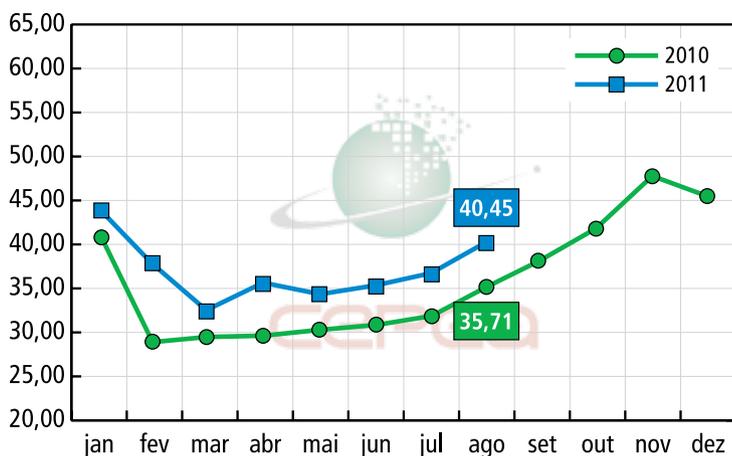
Macieiras do RS e SC devem florir no final do mês

As macieiras do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina devem florir a partir da segunda quinzena deste mês, após o período de dormência. No inverno, a quantidade de horas de frio foi atingida nas regiões de Fraiburgo (SC), São Joaquim (SC) e Vacaria (RS). No entanto, a forte oscilação de temperaturas preocupou produtores locais. Em agosto, foram observados dias chuvosos, com temperaturas abaixo de 10°C, alternados com períodos mais quentes e média de 20°C. Essas variações térmicas são desfavoráveis durante o período de dormência, pois podem ocasionar brotação e floração desuniformes. De qualquer forma, o desempenho das floradas e da frutificação será definido apenas a partir do final de setembro. Nos próximos meses, portanto, agentes devem seguir atentos ao clima. O Sul do País pode registrar temperaturas consideradas normais para os meses de setembro a dezembro, segundo o CPTEC/Inpe. O volume de chuvas neste mesmo período também deve ser dentro da média da região. Caso essas previsões se confirmem, as floradas serão favorecidas, visto que chuvas em excesso seriam prejudiciais nesta época do ano.



Baixa qualidade reduz estoques

O volume de maçã estocada em câmaras frias para comercialização neste segundo semestre está inferior ao do mesmo período de 2010, segun-



Preço em agosto supera o de 2010

Preços médios de venda da maçã gala categoria 1 (calibres 80 - 110) no atacado de São Paulo - R\$/cx de 18 kg



Fonte: Cepea

do agentes. Os motivos são a qualidade mais baixa, que compromete a armazenagem por longos períodos, e o menor calibre dos frutos. Segundo dados mais recentes da ABPM, levantados com base em uma amostragem de 70% dos estoques, nas regiões produtoras de Fraiburgo (SC), São Joaquim (SC) e Vacaria (RS), em julho, o volume de frutas armazenado estava 9% menor que o do mesmo período do ano passado. Em relação aos estoques de maçã fuji, em julho, eram 19% inferiores aos verificados no mesmo mês de 2010. Já quanto à maçã gala, a quantidade armazenada estava 4% superior na mesma comparação. Os dados também são da ABPM. Neste ano, há pouca oferta de maçã gala de boa qualidade, com coloração vermelha e presença de polpa adequada. Assim, no primeiro semestre deste ano, produtores buscaram escoar a gala com qualidade inferior mais rapidamente. A partir de setembro, o volume da gala pode ter redução, encerrando-se em meados de outubro, um pouco antes do usual. Nos próximos meses, empresas devem comercializar tanto a gala quanto a fuji de maneira escalonada, visando ofertar até o final do ano, quando os preços podem estar mais atrativos às empresas produtoras.

Menor oferta pode manter preços em alta

Com o menor volume de maçã de boa qualidade estocada, as cotações da fruta devem seguir em alta nos próximos meses. Além disso, a negociação é tipicamente maior neste período, principalmente quando não há oferta elevada de frutas concorrentes no mercado interno e o clima fica mais quente, favorável ao consumo. Em agosto, os preços da maçã já foram maiores. No mês passado, a gala graúda Cat 1 (calibres de 80 a 110) foi negociada a R\$ 35,80/cx de 18 kg, em média, no RS e SC, valor 6% maior frente ao de julho/11 e 26,7% acima do registrado em agosto do ano passado. Na mesma comparação, a fuji graúda Cat 1 (calibres de 80 a 110) teve média de R\$ 38,94/cx de 18 kg nas regiões produtoras de RS e SC, 4,5% a mais que em julho/11 e 32% acima do verificado em agosto de 2010.





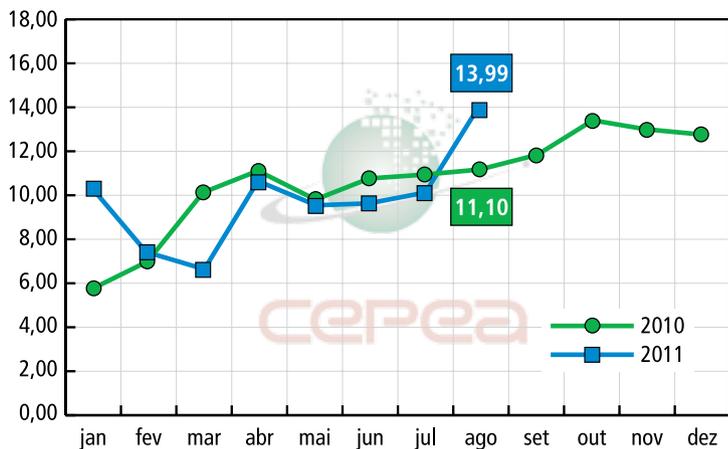
Escalonamento da oferta pode garantir preço atrativo

Oferta deve ser mais escalonada até o final do ano

A oferta de banana deve ser mais escalonada até o fim de 2011. Apesar da possibilidade de ligeiro aumento no volume no norte de Santa Catarina a partir de setembro, há pouca banana no Vale do Ribeira (SP). Além disso, o volume nacional da fruta não deve ser expressivo no correr dos próximos meses. Nesse cenário, os preços tendem a se manter em patamares mais elevados até o final do ano. Já quanto à qualidade, a previsão é de que o clima quente e chuvoso favoreça o melhor desenvolvimento dos cachos, atingindo calibre ideal e boa coloração da casca.

Enchente no Vale do Ribeira causa perda de quase 4 mil hectares

A produção de banana no Vale do Ribeira (SP) foi prejudicada por enchentes no início de agosto. Segundo a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati), 9.445 hectares foram atingidos nas cidades de Sete Barras, Cajati e Registro, totalizando perda da produção em 3.778 hectares. As reformas dos bananais e o replantio das áreas perdidas devem começar assim que as temperaturas subirem e as chuvas retornarem à região, previsto para setembro. Com o pouco volume de fruta no Vale do Ribeira, as cotações vêm sendo elevadas na região. Entretanto, ainda não há estimativa da rentabilidade anual, uma vez que se devem considerar os gastos com a reforma e com o replantio de bananais.



Não entra banana do Equador no Brasil!

Notícias divulgadas nos últimos meses indicavam que o Brasil poderia voltar a importar banana do Equador. Agentes do setor, no entanto, se mobilizaram contra essa negociação, que deixou de ser feita há 17 anos, devido às barreiras fitossanitárias. A possibilidade de importação da fruta foi analisada e descartada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), uma vez que o Brasil é um dos maiores produtores mundiais de banana. Em 2010, o Brasil chegou a exportar 139,5 mil toneladas de banana, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o que sinaliza que não há necessidade de se importar a fruta. Além disso, a entrada de banana do Equador no Brasil poderia ameaçar parte da produção nacional, devido, sobretudo, à maior competitividade da banana equatoriana, que apresenta baixo custo de produção daquele país. Agentes brasileiros também consideram que a importação da banana do Equador poderia ser uma ameaça aos empregos gerados pelo setor no Brasil. É preciso considerar, ainda, que a fruta do Equador poderia trazer doenças, como a murcha bacteriana.



Exportação ao Mercosul reduz, mas receita se mantém

As exportações de banana do norte de Santa Catarina ao Mercosul totalizaram 37,5 mil toneladas de janeiro a julho deste ano, volume 22% menor se comparado ao do mesmo período de 2010, segundo dados da Secex. Neste ano, houve queda nos envios no primeiro semestre devido à baixa oferta na praça catarinense desde março. Apesar da redução no volume, a valorização da fruta contribuiu para manter a receita em US\$ 9,8 milhões entre janeiro e julho, praticamente a mesma recebida no primeiro semestre de 2010. Com a previsão de pouco aumento da oferta no norte de Santa Catarina, as exportações de banana para o Mercosul devem se manter reduzidas.



Baixa oferta no Vale do Ribeira impulsiona cotações

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela banana - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea





Oferta deve ser maior em setembro

Maior volume da fruta pode pressionar cotações

A oferta de mamão deve crescer em setembro no mercado nacional, conforme expectativas de colaboradores consultados pelo Cepea. Com a chegada da primavera, as temperaturas devem se elevar, fazendo com que a maturação das frutas seja mais acelerada, elevando o volume de fruta disponível no mercado. Nesse sentido, os preços do mamão podem cair no correr de setembro na maioria das regiões produtoras. Por outro lado, apesar da expectativa de maior oferta, agentes acreditam que as temperaturas mais altas devem aquecer o consumo da fruta no período. A maior oferta de mamão no mercado interno deve seguir até novembro e dezembro. Em agosto, os valores pagos ao produtor ainda estiveram elevados, com as médias chegando a registrar os maiores patamares deste ano. No mês passado, o mamão formosa foi comercializado à média de R\$ 0,45/kg na região do Norte de Minas, valor 31% maior frente à média de julho.

Menos tratos culturais e clima podem reduzir qualidade

Os tratos culturais menos intensos nos últimos meses podem fazer com que a incidência de doenças aumente nas roças de todo País. Na última safra, a rentabilidade obtida por produtores foi baixa, fazendo com que muitos agentes deixassem de realizar os tratos necessários às lavouras. Além disso, o clima, que deverá ser mais quente nos pró-

ximos meses e, inclusive, com chuvas mais regulares, poderá resultar em incidência ainda maior de patógenos nos mamoeiros. Por enquanto, o que vem preocupando produtores é a baixa umidade, que pode causar problemas com ácaros. A variedade formosa deverá ser a mais prejudicada, já que é mais sensível aos ácaros. Por outro lado, a incidência de mancha fisiológica, que já diminuiu bastante nos últimos meses, deverá ser muito baixa, devido ao clima seco previsto para setembro.

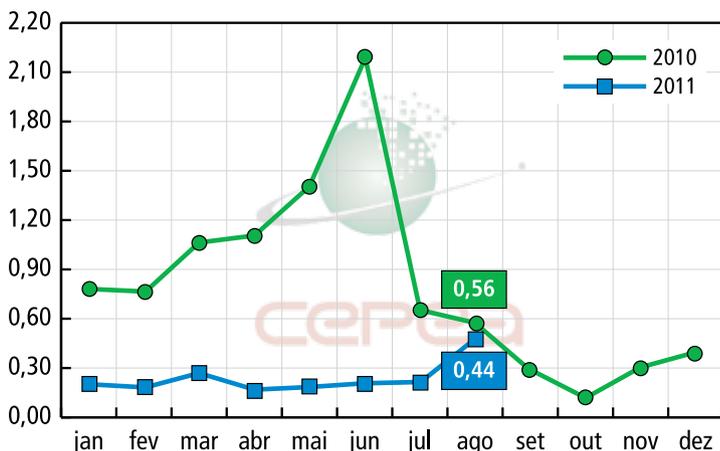
Produtores da BA e ES abandonam roças devido a doenças

Nos últimos meses, parte dos produtores das regiões do Sul da Bahia e do Espírito Santo abandonou suas roças de mamão devido à proliferação de fungos. O menor retorno financeiro da temporada passada fez com que produtores reduzissem os tratos culturais nos últimos meses. Sendo assim, uma grande parcela da área cultivada nestas praças foi totalmente perdida, já que as plantas infectadas precisaram ser erradicadas. Agentes consultados pelo Cepea estimam que 30% da área do Espírito Santo tenha sido perdida e, 20%, do Sul da Bahia. Produtores temem que, com a descapitalização do setor e a diminuição dos tratos, mais plantas sejam prejudicadas com o ataque dos fungos e outros patógenos, o que pode acarretar em novos abandonos de pomares.



Exportação aérea cresce 14% no primeiro semestre

O volume de mamão exportado via aérea aumentou 14% no primeiro semestre deste ano em relação ao mesmo período de 2010, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Este crescimento esteve atrelado à maior oferta de mamão no Brasil neste ano, por conta do aumento da área cultivada – a melhor rentabilidade em safras anteriores fez com que agentes investissem na temporada de 2011. Para os próximos meses, agentes têm expectativa de que o volume embarcado aumente, já que a oferta deve seguir elevada até o final do ano.



Frio reduz oferta e havia valoriza

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg



Fonte: Cepea





Baixas temperaturas afetam floradas em SP

Frio intenso pode causar perdas

As baixas temperaturas nas regiões paulistas de Monte Alto e Taquaritinga no início de agosto afetaram as floradas dos pomares de manga. Segundo produtores, as temperaturas chegaram a 3°C em algumas lavouras, e esse frio intenso causou partenocarpia, ou seja, parte das flores não se desenvolveu de maneira adequada. Até o fechamento desta edição, no final de agosto, não havia dados concretos sobre as perdas. Agentes temem que uma parcela da produção seja de frutos pequenos e com baixo valor comercial. Por outro lado, devido à irregularidade das floradas, as que ocorreram com atraso não foram prejudicadas pelo frio e seguiram normalmente em fase de frutificação pelo menos até o final de agosto. A previsão é de que a colheita de manga *tommy atkins* comece a partir do final de outubro nas lavouras paulistas. Já quanto à *palmer*, a expectativa é que as atividades comecem em dezembro.

Menor volume de água deve reduzir produtividade em parte da BA

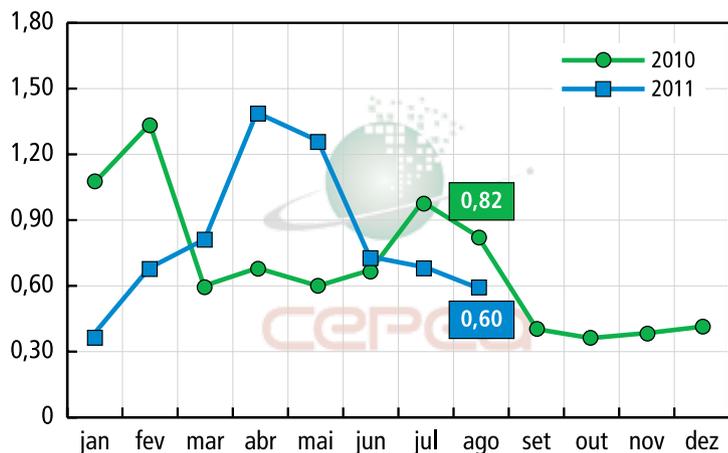
O volume limitado de água para irrigar os pomares de manga em Livramento de Nossa Senhora (BA) e Dom Basílio (BA) pode causar redução da produtividade na safra deste ano. A menor disponibilidade de água limita o desenvolvimento dos frutos, que podem não atingir o tamanho ideal. Com o

menor calibre, a expectativa é de redução de 30% a 40% no volume de manga nesta safra em relação à temporada passada. O volume restrito de água para irrigação nessas regiões baianas tem preocupado produtores da região há alguns anos. No final de junho deste ano, um acordo que garantia uma cota extra para a irrigação em Dom Basílio foi revogado. Desta forma, produtores devem ficar atentos ao programa de racionamento de água. Mesmo com o problema de baixa disponibilidade de água, a variedade *tommy atkins* começou a ser colhida em julho. A previsão é de que o pico de oferta tanto em Livramento de Nossa Senhora quanto em Dom Basílio ocorra em outubro, com a colheita seguindo de forma intensa até novembro.



Maior oferta de *tommy* pressiona valores no NE

A oferta de manga, principalmente de *tommy atkins*, deve aumentar ainda mais nas regiões produtoras do Nordeste em setembro. Em agosto, o volume colhido em Petrolina (PE)/Juazeiro (BA) já havia aumentado de forma significativa. A quantidade da fruta em Livramento de Nossa Senhora (BA) também foi maior no mês passado, mas os frutos apresentaram calibre reduzido devido à escassez de água. O preço médio da *tommy atkins* em agosto, no Vale do São Francisco, foi de R\$ 0,60/kg, 9% abaixo do registrado no mês anterior. Em relação à manga *palmer*, mesmo com a oferta ainda controlada, os preços também reduziram, visto que foram pressionados pela disponibilidade elevada de *tommy*. Em Livramento, a média da *palmer* foi de R\$ 1,07/kg em agosto, queda de 7,8% frente ao preço verificado em julho.



Maior oferta reduz preço da *tommy* no Vale do São Francisco

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins*- R\$/kg

Fonte: Cepea

Exportações controlam oferta e queda nos preços é limitada

Nos próximos meses, a expectativa é de que a exportação de manga seja intensificada, o que pode "enxugar" o excesso de oferta no mercado interno. Em agosto, o início dos embarques da fruta aos Estados Unidos já havia começado a limitar a queda dos preços recebidos por produtores.





Safra 2011/12 da Flórida pode ser maior que a anterior

Estimativas privadas da safra da Flórida são divulgadas

No dia 15 de agosto, a consultora Elizabeth Steger e a Louis Dreyfus Citrus divulgaram suas estimativas privadas referentes à safra 2011/12 de laranja da Flórida. Segundo Steger, a produção pode ser de 142 milhões de caixas de 40,8 kg, 2% maior que a estimativa final da safra de 2010/11, feita pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Já a Dreyfus projeta 146 milhões, 5% superior na mesma comparação. Acredita-se numa maior produção devido à florada satisfatória e ao tamanho dos frutos, que estão maiores que no mesmo período da safra anterior. A dúvida é com relação ao número de pés em produção – neste mês, deve ser divulgado o inventário de árvores do estado norte-americano. Já em outubro, começa oficialmente a nova safra da Flórida e, no dia 12, será divulgada a primeira estimativa do USDA. A atual preocupação é com relação à temporada de furacões, que deve ser mais ativa que em 2010, segundo o Serviço Nacional do Clima dos Estados Unidos (NOAA). Em agosto, ocorreu o primeiro furacão do Atlântico Norte de 2011, nomeado Irene, mas não atingiu a Flórida – a temporada de furacões encerra em novembro.



Clima seco preocupa citricultores paulistas em agosto

Em setembro, agentes do setor seguem aten-

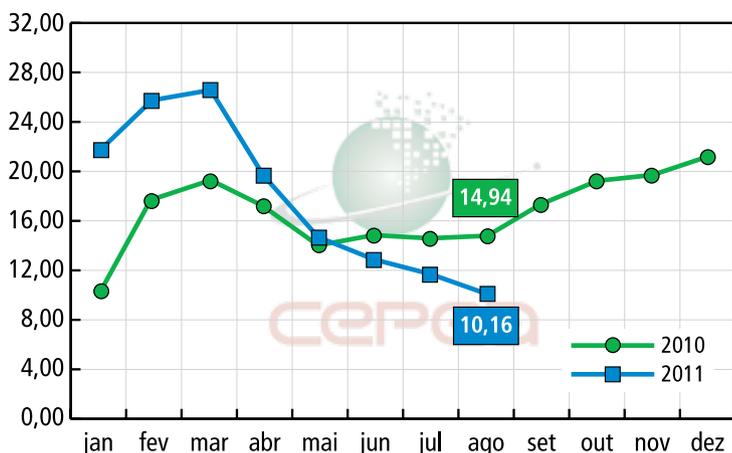
tos ao clima, visto que neste mês começa a primavera. Nesta época do ano, o clima é essencial para a definição das floradas. Em agosto, o tempo seco preocupou citricultores, já que reduz a qualidade da laranja e derruba frutos dos pés. Em meados do mês passado, foram relatadas chuvas em apenas algumas regiões, mas estas foram consideradas muito abaixo do necessário para revitalizar as plantas. Quanto à queda de frutos dos pés, nas propriedades com incidência de pinta preta, o impacto do déficit hídrico acaba sendo potencializado. Como a laranja com pinta preta tem pouca aceitação no mercado *in natura*, produtores destinaram essas frutas às indústrias, que, por sua vez, também seguiram recebendo a fruta contratada. Assim, as filas nas processadoras voltaram a ser motivo de queixa no final de agosto. Segundo colaboradores do Cepea, a indústria trabalhou a plena capacidade de moagem durante todo o mês, inclusive nos finais de semana.

Pêra desvaloriza pelo 5º mês consecutivo

O preço da laranja pêra caiu em agosto pelo quinto mês consecutivo. Com o valor ofertado pela indústria considerado pouco remunerador, parte dos produtores tenta negociar no mercado de mesa, pressionando as cotações. Até o final de agosto, as frutas de meia-estação e tardias eram entregues à indústria nos mesmos valores das precoces (R\$ 10,00/cx de 40,8 kg mais participação mínima de R\$ 0,50/cx, baseada no preço internacional do suco).

Conab aumenta estimativa de SP para 377 mi de caixas

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou, em 1º de setembro, o segundo relatório referente à safra 2011/12 paulista de laranja. A estimativa de produção foi aumentada de 354,98 milhões de caixas de 40,8 kg para 377,06 milhões - 27% acima da safra anterior e 6,2% maior que o estimado em maio. Mesmo com a redução na área ocupada nesta temporada, o volume aumentou por conta da maior produtividade observada nesta temporada.



Oferta elevada da pêra mantém cotações em queda

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela pêra na roça - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore



Fonte: Cepea





Temporada de exportação começa em setembro

Inicia colheita para exportação

Em setembro, produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) começam a colher a uva de mesa de áreas destinadas ao mercado externo – os embarques devem iniciar no final do mês. Neste ano, a área destinada às exportações é inferior à do ano passado, já que uma parcela maior está sendo alocada ao mercado interno. A previsão até o momento, entretanto, é de produtividade maior que a dos dois últimos anos, o que poderá compensar a menor área. A produtividade das uvas sem-sementes para exportação está estimada, em média, de 23 a 25 t/ha para este ano. As primeiras variedades a serem embarcadas aos Estados Unidos e à Europa serão *thompson* e *sugraone* (festival).

Produção da Califórnia tem ligeiro recuo; Chile atrasa safra

A produção de uva de mesa da Califórnia em 2011 deve ser 1% menor frente à de 2010, totalizando 1 milhão de toneladas, conforme dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). A leve redução se deve à umidade, que ocasionou o desenvolvimento do míldio. A qualidade de parte das uvas californianas também deve ser inferior. Para o Brasil, outro fator que pode ser favorável é o atraso da entrada de uvas chilenas nos EUA, por conta de danos causados pela neve em agosto. Normalmente, o Chile inicia as exportações aos EUA em dezembro e, com esse atraso, pode estender a janela brasileira. Quanto à Europa,

a Grécia também entrou no mercado com atraso de duas semanas, o que pode prejudicar o início dos envios do Brasil àquele bloco. Porém, cerca de 20% da produção grega foi prejudicada pelo míldio, por conta de chuvas, conforme informações do site *Fresh Plaza*. Apesar de esses fatores serem favoráveis às vendas brasileiras, a crise nos países demandantes pode limitar os embarques. Além disso, o Real ainda mais valorizado deve reduzir a receita de exportadores.

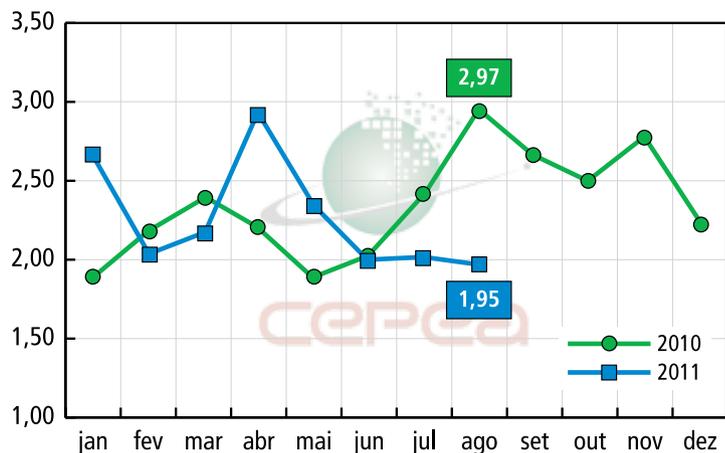
Podas atrasadas em SP e PR

A colheita da safra de final do ano do Paraná e de São Paulo deve atrasar, por conta das podas tardias. Nas regiões paranaenses, a maioria das podas de junho precisou ser refeita, devido ao clima desfavorável (frio, chuva e geada), que prejudicou a brotação. A colheita, que normalmente começa em novembro, deve iniciar em dezembro, com o maior volume se concentrando entre o final do mês e início de janeiro/12. Quanto às praças paulistas de São Miguel Arcanjo e Pilar do Sul, as podas foram realizadas em agosto e setembro, com a colheita prevista para janeiro/12.



Pico de safra em Jales e Pirapora

As safras de Jales (SP) e de Pirapora (MG) entram em pico de safra em setembro. A produtividade de uvas finas é considerada satisfatória: com 27,5 t/ha em média em Jales e de 28,9 t/ha em Pirapora. A produtividade da variedade rústica é de 24,8 t/ha em Pirapora e de 16,5 t/ha em Jales. Quanto aos preços, de julho a agosto, a itália embalada de Pirapora teve média de R\$ 3,33/kg, valor 39% acima do mínimo estimado por produtores para cobrir os gastos com a cultura; a niagara teve média de R\$ 3,99/kg, 137% acima do mínimo. Em Jales, a média da itália foi de R\$ 2,53/kg de julho a agosto, 75% superior ao mínimo estimado por produtores; a niagara foi comercializada à média de R\$ 2,87/kg, 107% acima do mínimo. A safra deve seguir até outubro em Pirapora e, até novembro, em Jales.



Colheita aumenta e preço cai em agosto

Preços médios recebidos por produtores pela uva itália - R\$/kg



Fonte: Cepea

SEÇÃO ELETRÔNICA UVA
Cadastre-se e receba preços semanais de uva.
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade



ENTREVISTA: Prof. Dr. Lucilio Rogerio Aparecido Alves

“EM MOMENTOS DE EUFORIA COM ALTA DE PREÇOS, É PRECISO CAUTELA”

O economista Lucilio Alves é professor doutor do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) e pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea-ESALQ/USP). Lucilio faz parte da equipe do Cepea que desenvolveu os conceitos de Gestão Sustentável que são apresentados na **Hortifruti Brasil**. À frente das pesquisas sobre as cadeias de soja, milho, trigo, algodão e mandioca do Centro, o professor fala sobre sua experiência acerca de investimentos no agronegócio.

Hortifruti Brasil: Quais são as suas principais recomendações ao produtor que está iniciando ou planejando um projeto em fruticultura?

Lucilio Alves: Iniciar um projeto implica em ter, primeiramente, conhecimento técnico e econômico da dinâmica do setor em que se está investindo. Analisar a evolução recente do mercado e as suas perspectivas de médio e longo prazos é essencial. Buscar descrever em planilhas os desembolsos/investimentos necessários e os períodos, quantidades e valores de vendas dos produtos também são muito importantes. Em seguida, é preciso considerar cenários médios, otimistas e pessimistas nas planilhas, para se identificar até que ponto o projeto é rentável, quais os níveis de preços e quantidades que o tornam atrativo. Infelizmente, é comum haver tomadas de decisões de novos investimentos em períodos de euforia (boa rentabilidade). Muitas vezes, esquece-se que, especialmente em agronegócio, há ciclos de altas e baixas frequentes de preços, sendo que nas baixas o endividamento pode comprometer o sucesso do negócio.

HF Brasil: Qual é a melhor ferramenta de análise para avaliar a sustentabilidade econômica de uma atividade: TIR, VPL, Payback ou CARP?

Alves: No início do projeto, em especial, identificar a taxa de atratividade do negócio (TIR), verificar se o projeto poderá ter resultado positivo em relação ao investimento (VPL) e avaliar em quanto tempo o investimento é recuperado (*Payback*) são pontos importantes. O fato é que esses indicadores consideram o fluxo de caixa do investimento. Mas é importante também considerar os aspectos econômicos – além dos financeiros. Para isso, estruturar uma planilha que permita comparar receitas com os custos operacionais e com o CARP tende a facilitar o entendimen-

to sobre a sustentabilidade econômica do negócio. Ao mesmo tempo, pode ajudar na tomada de decisão até mesmo sobre sair do negócio, se for o caso.

HF Brasil: Por conta da desvalorização do dólar, muitos projetos que foram implantados em fruticultura (especialmente exportadora) não estão sendo sustentáveis economicamente. O que fazer se o produtor já tem o pomar implantado?

Alves: Neste caso, é preciso reavaliar as perspectivas de mercado, assim como buscar ajustamentos de custos, operacionais e fixos, e de mecanismos de vendas da produção. Entendimento de tecnologias disponíveis no mercado que visam reduções de custos e de sistemas de comercialização são importantes. Sem perspectivas de melhoras, nunca é tarde para mudar de negócio, se houver alternativas mais rentáveis.

HF Brasil: Em sua opinião, em projetos de longo prazo, como nos de fruticultura, é possível ao tomador de decisão prever todas as incertezas que enfrentará num prazo de 10 a 20 anos?

Alves: Não. Em nenhum negócio é possível prever todas as oscilações das variáveis que interferem no negócio. Mas, simular os riscos ajuda no planejamento, assim como a determinar-se até que ponto é possível permanecer no negócio. Em momentos de boa rentabilidade, sempre é bom aproveitar para fazer uma poupança adicional e precaver-se de possíveis inversões de tendências. Em agropecuária, os ciclos são frequentes, e os períodos de baixa rentabilidade podem prejudicar o sucesso do negócio, especialmente se as contas não estiverem em dia. Por outro lado, momentos de preços baixos podem sinalizar que o momento é oportuno para investimentos, caso seja possível vislumbrar melhora na situação daquele mercado. ■

Consento é a peça que você precisa para controlar a requeima de forma eficiente e fácil.

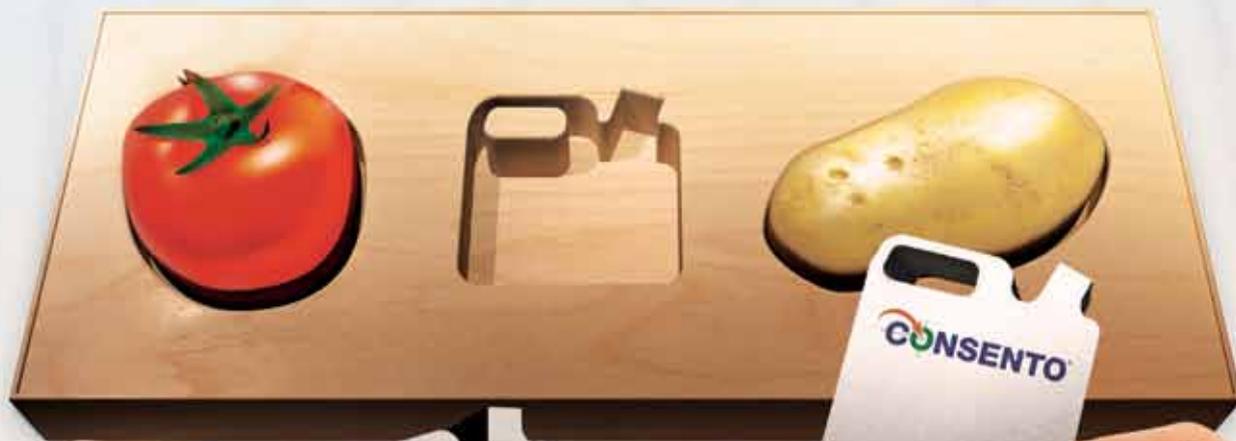


CONSENTO®

Você ganha em praticidade, sua lavoura em eficácia.

Na hora de prevenir a lavoura contra a requeima, é preciso estar de olho no tempo. Mais do que isso, é necessário usar um produto que seja prático e eficaz. Consento é tudo isso em um só produto!

É tempo de CONSENTO.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e no rótulo. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO



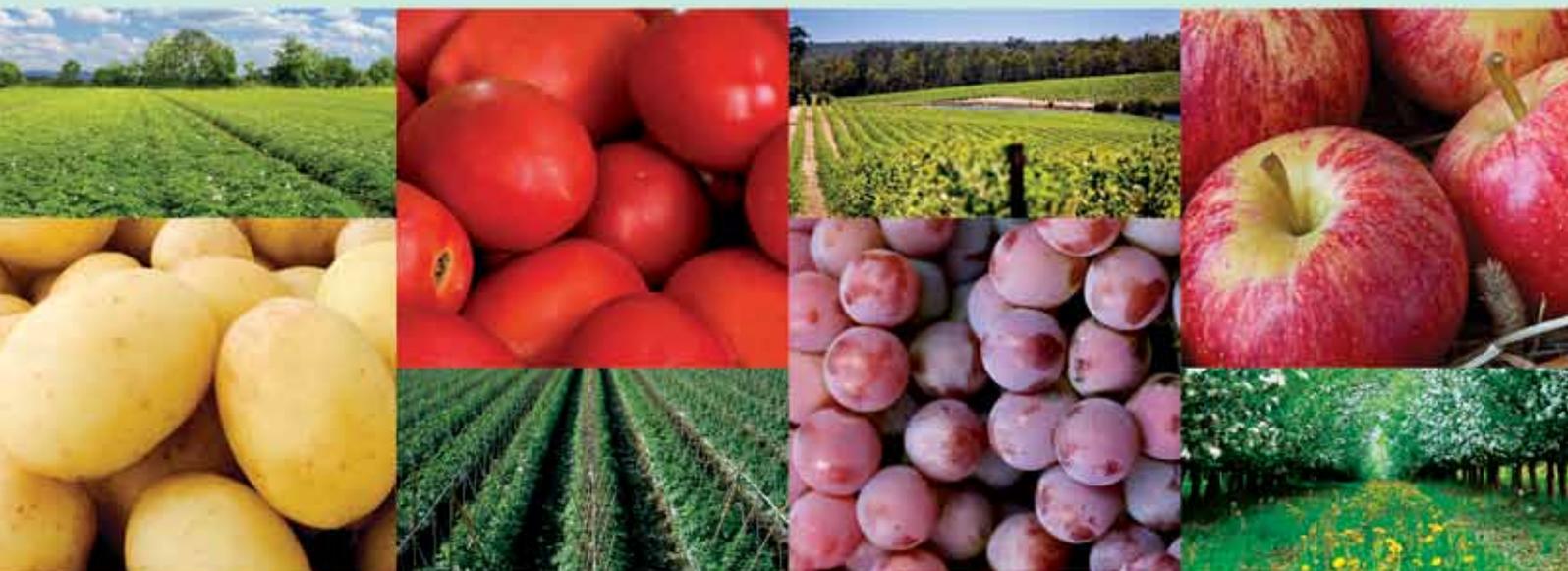
Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Não encaminhe para reciclagem.



Bayer CropScience
Bayer, a bom

TRADICIONALMENTE INOVADOR

O único com Tecnologia NT



Dow AgroSciences



Dithane* NT é o fungicida que acompanha a velocidade das mudanças!

- Tradicionalmente inovador é usado por gerações no controle preventivo de diversas doenças da cultura da Batata, Maçã, Tomate e Uva.
- Dithane* NT tem maior aderência – resiste à lavagem pelas águas da chuva.
- Dithane* NT é proteção também para mais de 30 culturas.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Dow AgroSciences
HORTIFRUTI



Beterraba

RUBIUS F1

Tecnologia Topseed Premium

Não se engane,
Rubius é tecnologia
Topseed Premium.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|------------------------------------------------|------------------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço Incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____

Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso Especial FEALQ

9912227297-2009 - DR/SP

... CORREIOS ...



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfrasil@esalq.usp.br

IMPRESSO



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.



Beterraba

RUBIUS F1

Tecnologia Topseed Premium

- Excelente sanidade de folha
- Elevada produtividade
- Uniformidade

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br

Tel.: 24 2222-9000

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429 - 8808 Fax: 19 3429 - 8829
E-mail: hfbrasil@esalq.usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil